

VOZES em defesa da fé

CADERNO

48

**“Eu fui prevenido
sobre a Igreja
Católica”**



EDITORA VOZES LTDA.

VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO 48

**“Eu fui prevenido
sôbre a Igreja Católica”**



**EDITORA VOZES LIMITADA
PETRÓPOLIS, RJ
1964**

SUMARIO

"Então você me pede que eu deixe a Igreja Católica"	3
Por que tanta hostilidade contra a Igreja Católica?	5
E assim você foi salvo!	13
Pode a verdadeira mensagem do Evangelho ser achada na Igreja Católica?	21
"Posso eu achar verdadeira liberdade religiosa na Igreja Católica?"	31
Que dizer acêrca do "Contrôle de Pensamento" religioso?	39
"Pode um católico ir diretamente a Deus?"	49

"Então você me pede que eu deixe a Igreja Católica"



Eu sou aquilo que comumente é chamado "um convertido". Fiz-me membro da Igreja Católica como adulto e com os olhos bem abertos. Desde então tenho respondido muitas cartas, nas quais o apêlo principal era: "Saia dela..."

As cartas que se seguem neste folheto são as respostas que dei a alguns amigos meus e que espero se provarão interessantes e iluminativas para muita gente que compartilha o ponto de vista dêles.

Como convertido, sinto-me bem qualificado para compreender essa gente e responder-lhe, porque não há muito tempo eu era um dêles.

As vezes, um católico fica perplexo ante aquilo que lhe parecem objeções insinceras à sua Igreja. As vezes, de fato, êle se revolta por saber como são absurdas tais objeções, e não percebe que, para os que nunca conheceram a Igreja Católica senão através dos olhos dos seus opositores, essas mesmas acusações não podem parecer absurdas.

Por outro lado, um convertido sabe quão sinceramente um não-católico pode ter sido levado a

crer que a Igreja Católica é subversiva da palavra inspirada de Deus; que a Igreja Católica controla os seus súditos por uma obediência cega, não esclarecida; que ela corrompeu a simples mensagem do Evangelho num sistema formalista, legalista, frio, que a substitui por uma engrena-

gem complicada e de feitura humana para o contacto íntimo e pessoal com Deus.

Em suma, pode êle compreender a mentalidade que faz muitos não-católicos bem intencionados exortarem os católicos com as palavras de S. João: "Saí dela, meu povo, para vos não contaminardes com os seus pecados, e para que não recebaís das suas pragas" (Apoc 18, 4). Porquanto êle sabe, coisa que o católico não pode saber, que muitos dos nossos concidadãos foram ensinados a olhar a Igreja exatamente como S. João olhava o Império Romano pagão do seu tempo: como "Babilônia a grande, a mãe das prostitutas e das abominações da terra" (Apoc 17, 5).

Ainda mais importantemente, êle sabe o bem que há nas vá-

rias religiões e pontos de vista representados pelos opositores da Igreja Católica. Muitas vezes as pessoas se opõem à Igreja Católica por causa de coisas boas que elas amam, e às quais pensam que a Igreja Católica se opõe.

O convertido está, portanto, no caso de responder às objeções anticatólicas não só do melhor de todos os pontos de vista, qual o de quem se dá perfeita conta daquilo que jaz por trás dessas objeções, mas igualmente do ponto de vista de quem pode fazer mais do que simplesmente refutar. Pode ele também mostrar que aquilo que é bom fora da Igreja Católica não é negado nesta; que aquilo que é verdade em religiões não-católicas é verdade precisamente por ser um reflexo da verdade completa possuída naquilo a que Santo Agostinho chamou a Cidade de Deus, que é a Igreja.

Espero, pois, que estas car-

tas serão lidas por homens de boa vontade, no espírito em que foram escritas. Ganhar uma discussão não é nada, e não foi por esta razão que elas foram escritas. Ganhar uma alma é tudo, e é para este fim que a Igreja existe, para ganhar almas para a salvação por Cristo. E' meu desejo que, entre os presentes inimigos da Igreja — entre os que pensam que são seus inimigos — estas palavras sejam, para muitos, ocasião de fazerem pausa e pensarem, "para que não recebais a graça de Deus em vão" (2 Cor 6, 1); antes, para que todos vejam a Igreja como ela realmente é, como ela é vista aos olhos dos seus convertidos que vieram à perfeita luz de Deus, que podem agora viver uma vida cristã completa e integral, e que consequentemente dizem, como é dito em conclusão da última destas cartas: "Senhor, a quem iremos? Tu tens as palavras de vida eterna" (Jo 6, 68).



Por que tanta hostilidade contra a Igreja Católica?

Cara Senhora...: Quero agradecer-lhe a sua carta muito amistosa. Acreditar-me-á a Sra. se eu disser que achei honesta e sinceramente formuladas as suas razões "por que eu nunca poderia ser católica romana"?

Não penso, entretanto, que as suas razões resistam à luz de uma investigação imparcial. Imediatamente eu gostaria de abordar aquilo que eu penso ser uma desvantagem muito séria que a Sra. tem de seu lado sobre a "questão católica" inteira". Quero discutir a razão real pela qual a Igreja Católica está "sob o fogo" de tanta gente hoje em dia.

A sra. mesma adiantou essa razão. Pergunta-me: "Não é estranho que gente que não pode convir sobre qualquer outra coisa se ache tão freqüentemente de acôrdo na sua atitude para com o catolicismo? Não há algo de sinistro numa organização que atrai a inimizade de pelo menos alguma parcela de, praticamente, toda classe social, política e religiosa no mundo?" E acrescenta que, onde há fumaça, deve haver fogo.

Do ponto de vista humano, êste fato é realmente estranho. Mas,



do ponto de vista divino, absolutamente não é estranho, de vez que êle é exatamente aquilo que Cristo nos disse que esperaríamos. "Sinistro" não pode ser a palavra exata para êste fenômeno, mas "significativo", penso eu, é que é certamente a palavra. Onde há fumaça há fogo, realmente.

Antes de tudo, Sra...., nunca lhe terá ocorrido que deve haver algo de significativo acêrca de qualquer organização sobre a qual são ditas tantas mentiras manifestas? Se uma posição — desta vez a posição anticatólica — deve ser mantida somente às expensas da verdade, que espécie de valor podemos atribuir a essa posição? Todo o seu fundamento não está construído sobre a irreabilidade?

Ora, eu não digo que a sra. deliberadamente dê guarida a inverdades na sua mente. Nem me refiro agora aos milhares de sujeitos escritinhos publicados pela quantidade de beatos de coração envenenado cuja desculpa devemos caridosamente presumir seja a da mais grossa das ignorâncias, a da mais lamentável das

mentalidades estreitas. Sei que a sra. nada tem a ver com as estúpidas ficções de "ex-padres" e de "ex-freiras", e de "juras jesuítas" e de toda a outra peçonhenta literatura dessa espécie. Não é isto o que eu tenho em mira quando falo das mentiras ditas contra a Igreja Católica, embora, por certo, essas sejam certamente a pior espécie de mentiras.

Não: falo das mentiras que são postas em circulação pela mais respeitável espécie de pessoas, sob nomes muito eminentes. Mentiras que são ditas por ignorância, é verdade, ao menos em grande extensão. Mas a ignorância que é responsável por essas mentiras não é necessária - é uma ignorância que poderia ter sido evitada se a pessoa em questão tivesse achado digno do seu tempo e do seu trabalho investigar a matéria. O fato de sobejas vezes não haver indicação de qualquer desejo de se ver livre dessa ignorância convence-me de que quase geralmente se presume que "qualquer pau serve para bater o cão" do Catolicismo. Gente que ordinariamente pretende ser de coração duro e de mentalidade prática é propensa a mostrar uma pasmosa credulidade quando se trata de aceitar uma suposição feita contra a Igreja Católica.

Fatos torcidos

Deixe-me dar-lhe um exemplo. Tenho diante de mim um folheto impresso sob os auspícios de uma grande seita representativa. O folheto está nítida e atraentemen-

te impresso e literariamente bem escrito. O autor é temperado no seu falar, na maior parte. Mas escute o que êle diz. Êle está falando sobre a doutrina católica da virgindade permanente de Maria.

"Ora, justamente aqui deparamos com o grande pensamento central da Igreja Católica sobre assuntos sexuais. Para a Igreja, a intercorrência sexual é fundamentalmente má. Esta é uma das suas (sic) razões para o celibato do seu sacerdócio".

Estranha afirmação

A sra. sabe, e eu sei, que isso é simplesmente uma mentira. Ademais, deve o autor ter sabido que isso era uma mentira. Pode não ter confessado a si mesmo estar dizendo uma mentira — estar simplesmente usando contra a Igreja uma velha acusação familiar que para êle era conveniente empregar, e da qual êle não queria ter de se desfazer. Êle não pode ter lido, em qualquer escrito católico autorizado, uma simples linha que o justificasse em formular tão estranha afirmação como sendo autêntica doutrina católica; não pode ter lido, num catecismo católico, uma só página sobre o assunto do matrimônio, ou do celibato do clero, sem achar a sua afirmação redondamente contradita. Mas preferiu repetir ignorantemente aquilo que é inverídico, a esclarecer a sua ignorância e assim perder um argumento contra a Igreja Católica.

Um pouco mais adiante, nesse mesmo folheto, êle formula esta afirmação como uma "citação": "E' pecado mortal de "presunção", no ensino católico romano, alguém crer que Jesus Cristo pode justificar completamente pela fé" (Concílio de Trento).

Ora, entre os milhões de palavras que o Concílio de Trento (pelo ano de 1545) escreveu, não figuram as acima. Esta é uma deliberada distorção do ensino católico, a qual dá a impressão de que os católicos crêem que a salvação de Cristo não é adequada para salvar a humanidade. O que o Concílio de Trento ensinou foi isto: que seria presunção, isto é, seria presumir da sua própria salvação, inteiramente contrária às claras palavras de Deus, alguém considerar que pode ser salvo simplesmente por causa da sua fé, sem consideração por qualquer outra coisa que êle fizesse e que fôsse oposta a essa fé. Se há algo errado nesta doutrina, então S. Tiago estava errado quando disse que "pelas obras o homem é justificado, e não pela fé somente" (Tgo 2, 24).

Fé sem obras

Esse crítico da Igreja aparentemente crê que a fé sem as obras é suficiente para a salvação. Mas, se êle quis discutir esta matéria, então por que ao menos não citou corretamente a tese católica? Por que, em vez disto, usou essa deturpada "citação" do Concílio de Trento que absolutamente não representa o ensino católico? Evidentemente, mais uma vez foi



grande demais para êle a tentativa de usar essa clava "certeira" contra o catolicismo. Êle tinha diante de si essa fonte que alguém antes dêle corrompera, e então preferiu ignorantemente passá-la adiante, de preferência a dela certificar-se (e aos seus leitores) por uma rápida vista de olhos dada a qualquer explanação católica da fé católica.

Será êsse o modo mais honesto de agir? Será mesmo um modo honesto? Tenha em mente que as fontes que eu cito não vêm do ignorante nem do deliberadamente hipócrita. São simplesmente representativas dessa gente, aparentemente sincera, que não pode resistir a qualquer argumento que seja, vindo de qualquer setor, o qual de algum modo possa ser usado contra a Igreja — seja êle um argumento sólido ou não.

Tornei-me particularmente cênscio disto em numerosas ocasiões, quando amigos meus bem inten-

cionados me enviaram literatura na esperança de que eu a lesse e, assim, deixasse a Igreja Católica. Na mesma sobrecarta eles incluíram folhetos que contradiziam redondamente cada um dos outros virtualmente sobre cada ponto exceto um: serem todos eles contra a Igreja Católica.

Tomemos, por exemplo, dois folhetos que me vieram ao mesmo tempo. Ambos professam dar razões últimas pelas quais o catolicismo está errado. Um deles dá como uma dessas razões o fato de a Igreja Católica ensinar que "o número de Sacramentos instituído por Cristo é de sete", quando, pelo contrário, o verdadeiro ensino é que "Jesus Cristo instituiu somente dois Sacramentos: o Batismo e a Ceia do Senhor". O outro folheto declara com a mesma ênfase: "Não sou romanista porque as Escrituras ensinam que o Batismo e a Ceia do Senhor são meras ordenações simbólicas de recordação, e não Sacramentos eficazes".

Confusão

Que se há de supor que eu conclua de contradições como esta? Só posso concluir é que a pessoa que enviou os folhetos não está particularmente interessada naquilo que eu creio... contanto que isso não seja doutrina católica (a qual, estou certo, ela absolutamente não conhece). Não está particularmente interessada em saber se há dois Sacramentos ou nove ou cem. Quer apenas que eu deixe de crer que a Igreja está certa ensinando que há sete!

Por outras palavras, ela não me dá a impressão de estar especialmente interessada na verdade. Não parece preocupar-se com aquilo a que eu possa ser convertido... quer apenas converter-me para fora da Igreja Católica, e não faz lá muita questão dos meios que possam operar essa trela.

Não convincente

Senhora....., tenho lido uma porção de publicações que dão uma porção de razões pelas quais os seus autores são contrários à Igreja Católica. Não achei convincentes essas razões, e muitíssimas vezes achei-as confusas e mutuamente contraditórias — tal como o crítico que mencionei não gostava de nós por ensinarmos que há sete sacramentos, e outro por não ensinarmos que não há nenhum.

Alguns nos acusam de ensinarmos, contrariamente às Escrituras, que as crianças devem ser batizadas. Outros dizem que este batismo está de acordo com as Escrituras, mas que nós estamos errados por confessarmos nossos pecados a alguém, de preferência a fazermos-lo diretamente a Deus. Um terceiro sustenta que nós devemos confessar os nossos pecados de modo geral uns aos outros, mas publicamente, perante a congregação inteira, e não ao padre sozinho. E assim por diante. Verifiquei que, contra o nosso ensino consistente, constante, é correto dizer, como o fez a senhora que as pessoas que não podem concordar sobre qualquer outra

coisa se acham de acôrdo sôbre êste único ponto: são contra a Igreja Católica.

Por isto quero responder agora à pergunta pela qual comecei: Qual é a razão real por que a Igreja Católica atrai a hostilidade de tanta gente no mundo hoje?

Será porque a Igreja ensina a existência de sete sacramentos? Talvez que para algumas pessoas esta seja uma razão, mas sou de opinião que muitos anticatólicos simplesmente não ligam a isto. Será porque nós ensinamos o batismo de crianças? Aqui ainda eu penso que a mesma resposta é verdadeira. Se essas pessoas estão realmente interessadas nestas coisas, por que então não se opõem a outra gente que ensina essas mesmas coisas? Há outros, afora os católicos, que crêem em sete sacramentos. Há outros, afora os católicos, que crêem no batismo do infante. E o mesmo sucede, praticamente, com cada um dos argumentos de reserva usados contra nós. Se êsses tais julgam importantes essas coisas, por que então gastam seu tempo e seu dinheiro em atacar só a nós?

Com tôda sinceridade acredito que a razão real pela qual nós somos tão firmemente atacados, e de tantos setores, pode achar melhor expressão nas palavras do Nôvo Testamento. Cristo disse aos seus discípulos: "Bem-aventurados vós quando vos injuriarem, e vos perseguirem, e disserem tôda sorte de mal contra vós falsamente, por minha causa. Alegrai-vos, e rejubilai-vos: pois grande é a vossa recompensa no céu: porque

assim êles perseguiram os profetas que houve antes de vós" (Mt 5, 11-12). Também lhes disse: "Vem o tempo em que quem quer que vos matar pensará estar prestando serviço a Deus" (Jo 16, 2). E, quando S. Paulo escreveu à Igreja em Tessalônica, a qual estava comumente sofrendo perseguição, orou para que "ninguém fôsse abalado por essas aflições: pois vós mesmos sabeis que nós estamos fadados a elas" (1 Tess 3, 5). "Vós mesmos sabeis que êste deve ser o nosso quinhão".

Nós esperamos por isso

"Êste deve ser o nosso quinhão". Aí temos a definição de um membro da Igreja de Cristo — é seu quinhão sofrer perseguição. Portanto, voltando à sua pergunta original, devo responder-lhe que absolutamente não acho desconfortante para mim que eu pertença a uma organização que atrai a hostilidade de pelo menos algumas pessoas em cada classe social, política e religiosa no mundo. Pertencendo à Igreja Católica, espero por isso. Ficaria alarmado se não o achasse. E é por isto, senhora..., que, como eu disse antes, não acho isso nada "sinistro" acêrca de uma organização tal como a Igreja Católica, antes acho-o grandemente significativo.

Ninguém jamais levou vida mais delicada, mais altruística, do que o próprio N. Senhor. Ninguém teve jamais os seus ensinamentos mais consistentemente torcidos, mal interpretados, deturpados e contraditos. Ninguém jamais atraiu

mais inimigos de todos os setores. Mas Ele não disse: "O servo não é maior do que seu Senhor. Se eles me perseguiram, também vos perseguirão a vós" (Jo 15, 20)?



Tenha em mente que Nosso Senhor não disse que todos os inimigos da sua Igreja a odiariam com deliberada malícia. Não; disse: "quem quer que vos matar pensará estar prestando serviço a Deus". E disse que a sua Igreja sofreria a mesma perseguição que ele sofrera, e pelas mesmas razões: deturpação, falsidade, e má reputação injustamente adquirida e mantida. Nem todos os que, naquela primeira Sexta-Feira Santa, gritavam que ele fôsse crucificado estavam conscientemente condenando um justo. "Os príncipes dos sacerdotes e os anciãos persuadiram a multidão de que devia... perder Jesus" (Mt 27, 20). O povo foi realmente persuadido a crer que Jesus se havia feito rei con-

tra César (Jo 19, 12); que estava procurando derrubar o governo deles e as suas leis; que destruiria o templo de Deus (Mc 14, 58) que teria atacado a verdadeira religião de Deus; que era "alguém que pervertia o povo" (Lc 23, 14).

Falsas acusações

Exatamente essas mesmas acusações foram feitas contra os primeiros Apóstolos, como Cristo profetizara. Paulo foi perseguido em Filipos como fomentador de sedição (At 16, 19 ss.), e novamente em Tessalônica (At 17, 5) como um intrujão em política em Éfeso foi acusado de destruir a religião verdadeira (At 19, 23), e em Cesaréia outra vez como incentivando a traição, como "leader" de uma religião falsa e profanador do culto divino (At 24, 5, 6). Cada acusação dessas era falsa, mas cada acusação dessas devia ser por ele esperada, porque assim Cristo fôra perseguido, porque assim Cristo predissera.

Verifico que tem sido exatamente a mesma coisa através da história. "O catolicismo romano é um sistema de religião fundado na superstição, medrando somente com base na ignorância da verdade e na oposição à verdade. Na prática ele é corrupto, idólatra e perseguidor". Isto é citação de um folheto publicado há alguns anos. "Uma religião execrável e funesta, cheia de impiedade e de sacrilégio, contemplando os ritos instituídos desde antigamente com a superstição de

sua novidade". Esse é um juízo sobre o Cristianismo expresso há dezesseis séculos e meio pelos anticatólicos daqueles tempos (em Arnóbio, pelo ano 305).

Deixe-me concluir com as palavras de um grande filósofo da história, e terei dito. John Henry Newman, enquanto ainda era não-católico, assim escreveu:

Cristianismo de Cristo



"Se há agora no mundo uma forma de Cristianismo que é acusada de grosseira superstição, de ir buscar os seus ritos e costumes aos pagãos... uma religião que é considerada como onerando e escravizando a mente com as suas exigências, como se dirigindo aos mentecaptos e ignorantes... que é considerada como trazendo na sua própria superfície sinais de loucura e falsidade tão distintos que um simples olhar basta para julgá-la, e que um cuidadoso exame dela é insensato; a qual

a gente sente que é tão simplesmente má que pode ser caluniada à vontade e ao bel-prazer, não passando de um absurdo deter-se na cuidadosa distribuição da sua culpa entre os seus atos particulares, ou penosamente determinar até onde esta ou aquela história concernente a ela é literalmente verdadeira, ou o que tem de ser concedido com ingenuidade, ou o que é improvável, ou o que cruza dois caminhos, ou o que não está provado, ou o que pode ser plausivelmente defendido; — uma religião tal que os homens olham para um convertido a ela... como se algo de estranho lhe houvesse sucedido como se êle tivesse tido uma iniciação num mistério, e tivesse entrado em comunhão com influências temíveis; como se êle fôsse agora de uma liga que o reclamasse, o absorvesse, o destituísse da sua personalidade, o reduzisse a mero órgão ou instrumento de um todo; — uma religião que os homens odeiam como proselitista, anti-social, revolucionária... cujo próprio nome êles repelem como mau e usam simplesmente como um mau epíteto; — se religião tal há agora no mundo, ela não difere do Cristianismo como aquele mesmo mundo o encarava quando êle no princípio saiu do seu Divino Autor".

"Se há, na época presente, uma forma de Cristianismo distinguida pela sua cuidadosa organização e pelo seu conseqüente poder; se ela está espalhada no mundo; se é conspícua pela zelosa manutenção do seu próprio credo; se é in-

tolerante para com aquilo que ela considera erro; se está empenhada em guerra incessante com todas as outras comunidades chamadas cristãs; se ela, é só ela, é chamada "católica" pelo mundo, antes, por essas próprias comunidades, e se dá muita importância ao título; se lhes chama heréticas e as previne de irem ao desastre e as concita uma por uma a voltarem a ela mesma, desprezando qualquer outro vínculo; e, se elas, por seu lado, lhe chamam sedutora, prostituta, apóstata, Anticristo, demônio; se, por mais que divirjam umas das outras, elas a consideram o seu inimigo comum... tal comunhão religiosa não difere do Cristianismo histórico, como êle se nos apresenta na Era Nicena" (325).

Constância

"Portanto, se há agora uma forma de Cristianismo tal que se estende pelo mundo todo; — tal

que perdeu igrejas inteiras pelo cisma, e agora é combatida por poderosas comunhões que outrora faziam parte dela; — tal que tem sido completamente, ou quase, expulsa de alguns países; — e tal que, em meio às suas desordens e aos seus temores, não há senão uma só Voz por cujas decisões os povos esperam com confiança, um só Nome e uma só Sé para a qual êles olham com esperança, e êsse nome é Pedro, e essa Sé é Roma; — tal religião não difere do Cristianismo dos séculos quinto e sexto".

Senhora..., eu sei qual a forma de Cristianismo ora existente que tem todas essas qualificações. Faço parte dela. E, por causa da natureza dessa Igreja de que faço parte, sei portanto a razão real por que o Catolicismo deve em todos os tempos esperar por oposição e por incompreensão neste mundo.

"Este deve ser o nosso quinhão".

E assim você foi salvo!

Cara Sra....: Sou-lhe grato pela sua amável carta, na qual exprime ansioso interesse pela minha salvação. Eu também tenho considerado seriamente este assunto; e por isto sou forçado a discutir em alguma medida a sua afirmação: "Eu não pertenceria a uma Igreja que não pudesse dar-me segurança de estar salva".



Creia-me, Senhora..., se eu digo que, por minha vez, não pertenceria a uma Igreja que *procurasse* dar-me essa segurança pessoal. Ela seria uma Igreja contrafeita, pretendendo arrogantemente saber aquilo que não tem meios de saber, aquilo que de fato ninguém pode saber, salvo somente Deus. Seria reivindicar um poder muito além de qualquer dos poderes que a sra. se incomoda de achar que eu atribuo à Igreja Católica e ao seu chefe infalível. Seria pretender ler o futuro que depende inteiramente do exercício do livre arbítrio.

Só Deus pode saber essas coisas, e só Deus pode torná-las conhecidas.

Mas pensa a sra. que êle tornou isso conhecido? A sra. me diz que "o caminho da salvação

no Evangelho é absolutamente plano. Quão ditosamente, quão belamente simples é o caminho da salvação *de Deus*". E então cita-me versículos como os dos At 16, 31: "Crêde no Senhor Jesus Cristo, e sereis salvos", juntamente com outros versículos da Escritura onde a nossa salvação

atribuída à fé.

Mas certamente a sra. sabe que em outros lugares a Escritura atribui a nossa salvação a outras coisas que não à fé. Por exemplo, *ao amor*: "Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, pois o amor é de Deus; e *todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece a Deus*" (1 Jo 4, 7). Aqui não há menção de fé. Também *à esperança*: pois S. Paulo fala do "Senhor Jesus Cristo que é a nossa esperança" (1 Tim 1, 1). Também *às obras*: pois S. Paulo também fala do "reto juízo de Deus, que retribuirá a cada um segundo as suas obras" (Rom 2, 5-6). Aqui ainda, êle absolutamente não menciona a fé.

Receio que a sra. tenha sido prêsa de um dos mais velhos enganos daqueles que se metem a

descobrir por si mesmos na Escritura qual é o caminho da nossa salvação. O caminho que a sra. descobriu absolutamente não é o caminho da Escritura — baseia-se simplesmente em algumas parcelas da Escritura tiradas fora do contexto e de modo algum examinadas à luz de todo o contexto da Palavra de Deus escrita.

Estou certo de que a sra. conviria em que no versículo de João que eu citei, quando atribui a salvação ao amor, João não está ensinando que o amor *sôzinho* basta para a salvação. Nem isto é verdadeiro da esperança ou das obras. E nem é verdadeiro da fé.

A fé certamente é necessária para a salvação, mas quem quer que pense que só a fé é necessária crê contrariamente à Escritura. A sra. me cita o versículo: "Todo aquêle que invocar o nome do Senhor será salvo" (At 2, 21), e eu respondo com as próprias palavras do Senhor: "Nem todo aquêle que me diz Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus" (Mt 7, 21).

Evidentemente, importa muito saber *como* alguém invoca o nome do Senhor. Do mesmo modo, importa também saber *como* se crê. A fé *sôzinha* não basta: essa fé deve ser provada pelas obras, como Tiago diz: "A fé, se não tiver obras, em si própria está morta" (Tgo 2, 17).

Fé e Obras

Diz a sra: "Porém as boas obras vêm *depois* que o sr. foi salvo, e não antes. De fato, Deus não aceita as suas boas obras

antes de o sr. ter sido salvo. Por certo, se o sr. *estiver* realmente salvo, *fará* as obras de Deus".

Ora, com tôda certeza Deus *não* aceitará as nossas boas obras nem nos dará a salvação com base nelas sômente. Boas obras sem fé nada são, pois a fé é absolutamente necessária se se quiser ser salvo. Portanto, é verdade que as boas obras devem vir depois da fé. Mas essas obras da fé são muito importantes para a nossa salvação, uma vez que Deus "retribuirá a cada um segundo as suas obras". Não se trata, pois, de ser salvo independentemente das nossas boas obras. Daí S. Paulo dizer aos Filipenses: "Operai a vossa salvação com temor e tremor" (Filip 2, 12).

O que devemos fazer

E por causa dêste fato — isto é, que a nossa salvação depende não só da Redenção de Cristo, mas também das coisas que devemos fazer para cumprir as condições necessárias para que essa Redenção possa beneficiar-nos, — precisamente por causa dêste fato é que em tempo algum podemos ter segurança de "estarmos salvos". Sabemos que Deus fêz a sua parte, mil vezes mais. Se a salvação fôsse simplesmente questão de crer, então poderíamos estar seguros. Mas Tiago diz que "os demônios também crêem e tremem" (2, 19).

A fé cristã é apenas o primeiro passo na salvação. Ela nos põe em condições de operarmos a nossa salvação. A salvação aí está para a nossa aceitação. Mas de-

vemos então produzir as obras segundo as quais certamente sere-
mos julgados. E quem entre nós
pode se assegurar que está pronto
a ser julgado por Deus como
digno de recompensa antes que
de condenação? S. Paulo não o
pôde. Falando da forma como se
comportara no seu ministério, êle
diz: "Não tenho consciência de
nada contra mim, mas nem por
isto estou justificado. O Senhor
é quem me julga. Portanto, não
pronuncieis juízo antes do tem-
po, antes de vir o Senhor, que
porá em luz as coisas agora ocul-
tas nas trevas, e revelará o de-
sígno dos corações dos homens"
(1 Cor 4, 4-5).

Viver pela Esperança

Eu não sinto que tenha o di-
reito de dizer de mim mesmo o
que de si não pôde dizer S. Pau-
lo. Se êle não sabia qual seria o
seu juízo final, como posso eu
saber o meu? Portanto, eu não
posso saber se devo ou não ser
classificado entre os salvos en-
quanto não vier o juízo de Deus.
Certamente, quando Paulo nos
avisou de operarmos a nossa sal-
vação com temor e tremor, não
teve em mente que brincássemos
de fingir. Se eu estou certo da
minha salvação, que deveria en-
tão temer, e por que haveria de
tremar? Eu temo e tremo por sa-
ber que, enquanto viver, tenho o
poder de perder ou de abraçar
a salvação de Cristo. Só Deus
julgará se eu fui achado digno
dela.

Foi por isto que eu disse que
não pertenceria a qualquer Igre-

ja que pretendesse definitiva e
irrevogavelmente assegurar-me
que eu estou entre "os salvos".
A minha Igreja me diz tudo o
que pode dizer-me: que Cristo me
salvou, contanto que eu me apro-
veite dignamente da sua salva-
ção, contanto que eu cumpra as
condições que êle estipulou para
obtê-la, contanto que eu perse-
vere em fazê-lo e opere a minha
salvação com temor e tremor. A
mais além do que isto penso que
nenhuma Igreja pode ir, se fôr
de Deus.

Nesta vida nós vivemos pela
esperança, como S. Paulo tantas
vêzes mo relembra. Estou satis-
feito com essa esperança, por-
quanto a esperança é o próprio
Cristo (1 Tim 1, 1). Quem pro-
curar dar-me uma "certeza" para
além da esperança do Evangelh
cristão não é meu amigo, é me-
inimigo. O que êle me oferece
a "certeza" dos homens, não
a esperança de Cristo.

Eu gostaria de lhe citar uma
descrição desta espécie de "cer-
teza" que tenho diante de mim
num pequeno folheto preparado
por um homem que, estou certo,
é inteiramente sincero, mas que
penso está também perigosamente
iludido. Eis aqui como êle diz que
essa "certeza" vem:

"Não sei se estou no meu ca-
minho para o céu ou para o in-
ferno... Sinto que não posso vi-
ver se não *souber* que estou se-
guro do céu!... Resolverei isto
já!... Senhor Jesus, salva-me!
Vem ao meu coração e faze-me
saber que estou salvo! Oh! estou
salvo! Sei-o! Graças a Deus! Gra-

ças a Deus! Sei-o agora. Sei que Jesus veio ao meu coração e que estou salvo para sempre, com o céu seguro... Sinto-me como uma pessoa inteiramente nova”.

Posso estar seguro?

Ele *se sente* como uma pessoa inteiramente nova. Minha senhora, posso, com o devido respeito, dizer que reside aí toda a dificuldade? Ele podia *sentir-se* como uma pessoa inteiramente nova por uma variedade de causas... por exemplo, por uma boa refeição. Mas sentimentos absolutamente nada têm que ver com o assunto. Não há nada que possa enganar-nos tão insidiosamente como os nossos sentimentos. Eu posso sentir que sou uma excelente pessoa, ego como sou para as minhas próprias faltas, mas qualquer outro pode fazer uma idéia justamente boa de estar eu longe de ser uma boa pessoa. E, o que é mais importante, nos registos de Deus eu posso não ser, de modo algum, uma boa pessoa, a despeito de todos os meus sentimentos.

Essa certeza de salvação, diz entretanto a sra., não é propriamente um sentimento — a sra. *sabe* que está salva. Consolador, se verdadeiro! Em que é que se baseia esse seu conhecimento senão em sentimentos? Não é na Escritura, conforme mostrei. Será na experiência? Diz-me a sra.: “Aceite Cristo como seu Salvador pessoal, e saberá que está salvo”. Cada vez que alguém me diz isto, eu respondo com toda sinceridade: “Mas eu aceitei Cristo, e não tenho tal conhecimento”. Então

êles dizem: “Ah! mas então, se a sr. não *sabe*, é porque realmente não está salvo, e não *aceitou* realmente Cristo”.

Insensatos êles próprios

Isso é uma norma muito conveniente para os que desejam *iludir-se* a si mesmos. Eles *sabem* que estão salvos... mas não *têm* nada em que basear esse conhecimento, nenhuma palavra de Cristo, nenhuma convicção da Escritura sobre a qual pretendam edificar a sua fé. Apenas têm a pretensão de sabê-lo. E pelo fato de outras pessoas que cumpriram exatamente as mesmas condições não chegarem à mesma conclusão, êles dizem que a fé nessas pessoas é falsa. Instauram-se como juízes não só em causa própria, mas na causa de outros homens. Apela para a experiência, e, quando a experiência é contra êles, então negam que ela tenha qualquer valor.

Isto, minha senhora, não equivale senão a sentimentos, e não há nada mais enganador. Não há nada que o demônio possa usar contra nós melhor do que o modo como sentimos, de preferência àquilo que *sabemos*, sobre qualquer coisa.

Agora deixe-me concluir percorrendo o folheto que a sra. me mandou, descrevendo aquilo que a sra. considera ser o modo pelo qual a convicção da salvação é adquirida. Há realmente, de passagem, muita coisa boa nesse folheto, e, se eu não comento muita coisa sobre este ponto, é simplesmente por não nos estarmos

correspondendo tanto sôbre aquilo em que concordamos como sôbre aquilo em que divergimos.

Nôvo nascimento

"Melhorar a própria vida não é conversão", diz o autor. Isto é mui verdadeiro. "A vida cristã não é simplesmente uma melhora da vida antiga, mas é uma espécie de vida inteiramente diferente, a saber: uma vida de obediência a Cristo". E prossegue dizendo que a vida cristã é um nôvo nascimento, o que também é mui verdadeiro, e cita a famosa passagem do Evangelho de S. João em que Nosso Senhor diz a Nicodemos: "Se alguém não renascer, não pode ver o reino de Deus" (Jo 3, 3).

Mas êle não continua com esta passagem inteira. Nosso Senhor disse muito mais. Porquanto "Nicodemos diz a êle: Como pode um homem nascer quando já é velho? pode entrar uma segunda vez no seio de sua mãe e nascer?" Jesus respondeu: "Em verdade, em verdade te digo, *se o homem não renascer da água e do Espírito*, não pode entrar no reino de Deus. O que nasce da carne é carne; e o que nasce do Espírito é espírito" (Jo 3, 4-6).

Mas o autor não citou o resto da passagem com que começou. Depois de citar um só versículo, pergunta: "Como é que se opera o nôvo nascimento?" e assim responde a essa pergunta: "Crendo a palavra de Deus". Isto é parte da resposta, mas é só parte. A explicação do próprio Nosso Se-

nhor a Nicodemos é, penso eu, inteiramente explícita:

«Nascido de nôvo»

"Se o homem não renascer da água e do Espírito". Assim, o Batismo é que promove o nôvo nascimento — e note-se que nas palavras de Nosso Senhor não há uma única menção, nessa descrição do nôvo nascimento, de um "sentimento" concernente à certeza da salvação. Êle simplesmente nos diz que o Batismo — e, por certo, êste necessita a fé *no caso de um adulto* — é necessário para a salvação, e que êle efetua essa nova vida que devemos levar se quisermos agradecer a Deus, a vida que Cristo possibilitou para nós.

Todo católico, conseqüentemente, é um "cristão renascido", Sra.... Todo aquêle que recebeu o sacramento do Batismo de Cristo teve infundida na sua alma essa vida de graça que é a vida do Espírito. Mui verdade é que nem tôda pessoa batizada evidencia a todo tempo viver de acôrdo com a sua vocação. Por outras palavras, o nôvo nascimento nem sempre é operante nela.

Em resposta a essa perplexidade, penso não poder fazer nada melhor do que citar o seu próprio autor, com aprovação, quando êle diz: "A carne luta contra o Espírito, e o Espírito contra a carne" (Gál 5, 17). Se cedermos à carne, pecaremos, mas é possível vivermos uma vida de contínua vitória. "Andai segundo o Espírito, e não satisfareis as cobiças da carne" (Gál 5, 16),

tanto, confessar os meus pecados precisamente da maneira como Deus quer que eu os confesse se eu quiser esperar o seu perdão. Devo confessá-los àqueles que Deus colocou à testa da sua Igreja com o poder de perdoar e de reter. Só assim eu os estou confessando a Deus pela forma como êle o deseja. Se eu seguir qualquer outro meio, não estou seguindo o dêle.

Assim, brevemente dei testemunho dêsses pontos, seguindo o conselho de S. Pedro, que disse: "Estai sempre prontos a dar resposta a quem quer que vos peça razão da esperança que está em vós" (1 Ped 3, 15). Estou inteiramente satisfeito com o plano de salvação confiado por Cristo ao Nosso Senhor à sua Igreja. Não quero outro. Não anseio por uma "certeza" que não vem de Deus, mas das emoções do homem que não quer contentar-se com a esperança que nosso Salvador nos trouxe.

A sra. leu as epístolas de S. Paulo aos Tessalonicenses? Lembrar-se-á então de que alguns dêles não teriam ficado satisfeitos com o Evangelho. Alguns estavam tão certos de que a consumação e o fim último de tôdas as coisas estava iminente na ter-

ra, que passavam o seu tempo na ociosidade, abusando da revelação de Deus para seguirem as suas inclinações humanas.

Destino desconhecido

Sem dúvida foi por uma razão similar que Deus deixou os nossos destinos particulares justamente tão incertos como no tempo da segunda vinda de Cristo. Deixando incertos êstes últimos, nós somos incentivados a passar o nosso tempo não em ociosidade, mas em preparar-nos para um chamado que há de vir quando não sabemos. Deixando incertos os primeiros, nós somos preservados de uma atitude convencida, presunçosa, que permitiria às consciências relaxadas perderem a firme vigilância que deve ser exercida sobre tôda ação consciente, que deve, em todo caso, ser exercida com o objetivo de nos tornarmos mais dignos do reino do céu. Também somos preservados de um perigo ainda maior — o de anteciparmos o juízo final de Cristo, arrogando-no-lo a nós mesmos, e dividindo a humanidade entre "os salvos" e "os perdidos" — matérias estas que somos inteiramente incapazes de conhecer.

Pode a verdadeira mensagem do Evangelho ser achada na Igreja Católica?



Caro Paulo: Li cuidadosamente o artigo que você me mandou, de um antigo católico que agora é ministro de uma seita não católica.

Não há necessidade de você defender perante mim a sinceridade do homem — pois não tenho razão para duvidar dela. Mas, penso eu, sem quaisquer maus sentimentos posso discutir o juízo dêle na matéria, ao menos na medida em que êle o revelou no seu escrito.

"Sempre esperei que a fé de Roma estivesse comprovada e justificada pela Escritura", escreve êle. "Difícilmente eu poderia conceber uma tradição que em última análise não estivesse radicada na Palavra de Deus registrada; e, se em tempos aceitei pelo seu valor nominal as doutrinas da minha Igreja, foi por ter tomado como pressuposta a origem revelada delas ou a sua conformidade substancial com os ensinamentos da Bíblia". Mas prossegue dizendo que, para sua desilusão, por meio dos seus estudos, descobriu que, "quase sem exceção, cada geração sucessiva havia aditado novas doutrinas ao simples ensino dos Evangelhos".

Ora, por trás disso há material bastante para dar lugar a que eu pare por um momento — como penso que êle teria feito o escritor parar também por um momento — antes de prosseguir.

O autor mostra julgar os ensinamentos da Igreja Católica contrários àquilo que êle acha na "Palavra de Deus registrada". Antes de tudo, como foi que êle soube, no mundo, que isso a que chamamos a Bíblia é realmente a Palavra de Deus revelada? Eu sei porque o creio. E creio-o porque êsse é um dos ensinamentos daquilo que eu considero como sendo "a Igreja do Deus vivo, a coluna e fundamento da verdade" (1 Tim 3, 15).

Mas por que foi que êsse homem creu que a Bíblia era realmente a palavra de Deus? Como católico, sem dúvida essa verdade lhe fôra ensinada. Mas, agora que êle renunciou a essa crença na autoridade docente da Igreja, e, em vez disso, decidiu confrontar os ensinamentos da Igreja com a Bíblia, não tem mais qualquer razão para considerar a Bíblia como sendo a Palavra de Deus — a menos, é claro,

Bispos representando tôdas as partes da Igreja, tendo à frente o Papa ou o seu delegado, foi que determinaram qual era a crença tradicional e geral da Igreja no tocante à Bíblia, justamente quais os livros que, no consenso comum, eram "selados pela aprovação de Deus". Se não tivesse havido Concílios, não teria havido meio de conhecer qual era a crença tradicional da cristandade nessa matéria.

Por isto, Paulo, vemos que êsse autor não tem, para aceitar a Bíblia, argumento melhor do que a tradição. A questão agora é, certamente, saber se eu aceito essa tradição. Aceito-a porque sei que ela é uma tradição verídica. E creio que ela é verídica porque aceito a autoridade da Igreja Católica, "a coluna e fundamento da Verdade", a qual me diz em termos não incertos que ela é verdadeira. Mas o autor dêsse tal folheto, que professa só aceitar aquilo que está na Bíblia, mas que, por exceção, crê nesta única tradição, — como é que sabe que ela é verdadeira? Meramente o presume.

Que outra prova pode ser oferecida em favor do caráter inspirado da Bíblia? A única outra que eu posso achar dada nas fontes que mencionei segue as linhas da seguinte afirmação que acho citada num pequeno manual de doutrina usado por certa Igreja não-católica: "Creio que a Bíblia é divina porque ela me *acha*".

A explicação continua: "E' uma experiência normal — real, embora mais ou menos intensa —

de todo cristão verdadeiro, ao ler a Bíblia, que nela Deus fala à sua alma".

Pode confundir

Mas isso absolutamente não é argumento. O maometano diz a mesma coisa do Alcorão. E será que isto torna divino o Alcorão? O Hindu diz o mesmo do Rig-Veda. E será que isto faz o Rig-Veda ser a palavra de Deus? Ademais, eu duvido de que mesmo o cristão mais devoto leia muita coisa da Bíblia com satisfação, embora por certo o faça noutras partes. Por exemplo, quantas pessoas o primeiro capítulo dos Números "acha"? Sem embargo, leitura insípida como êsse livro é para muitos leitores, eu sei que êle faz parte da Palavra de Deus inspirada.

Por isto, voltemos ao nosso amigo ex-católico. Sustento que, tendo repudiado a sua aceitação da autoridade dada por Cristo à Igreja, juntamente com ela, êle repudia qualquer razão para a sua crença na Bíblia. Todavia, se êle aderisse a êsse único ensinamento da Igreja e o usasse para argumentar contra os outros ensinamentos dela, sôbre que base sustentaria agora que a Bíblia é a Palavra de Deus? O único argumento que os não-católicos podem oferecer é o da tradição. E, no entanto, é contra tais tradições que êle objeta. Tais são, aos olhos dêle, as "novas doutrinas" acrescentadas "ao simples ensino dos Evangelhos". Na posição que êle adotou eu só posso ver uma contradição após ou-

tra. Enquanto eu tenho razão para aceitar essa tradição particular, porque os Concílios da Igreja atestam ser ela um ensino verdadeiro que chegou até nós vindo dos tempos apostólicos, os que rejeitam tanto o princípio da tradição como a autoridade docente da Igreja não têm razão para dizer que o que eles crêem é verdadeiro ou falso.

O autor do artigo diz que “difícilmente poderia conceber uma tradição que em última análise não estivesse radicada na Palavra de Deus”, porque ele “esperava que a fé de Roma fôsse comprovada e justificada pela Escritura”. Por outras palavras, ele presume que, para ser verdadeira, qualquer doutrina deve fundar-se implicitamente na Bíblia.

Não a única fonte

Que base há para tal idéia? Onde, através da Bíblia inteira, algures é dito que só a Bíblia é a fonte da verdade revelada? Isso não é dito por S. Paulo nos versículos que citei de 2 Tim 3, 16-17 (e lembre-se de que Paulo aí só está falando do Antigo Testamento). Ele dá como finalidade da Escritura doutrina, prova, correção, instrução em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito, habilitado para toda boa obra; mas certamente não diz que a Escritura sôzinha é suficiente para essas coisas. O mesmo S. Paulo não escreveu aos Tessalonicenses: “Portanto, irmãos, fidei firmes e guardai as tradições que aprendestes por palavra ou por epístola” (2 Tess

2, 15); “ou por palavra de boca, ou por carta”, como dizem algumas versões? Quais eram os ensinamentos recebidos por palavra da boca de Paulo a não serem os ensinamentos apostólicos orais aprendidos do próprio Cristo? Paulo não diz aos Tessalonicenses que “comproven e justifiquem” êsses ensinamentos pela Escritura, mas que adiram firmemente a êles.

Então não havia Bíblia

De que outra forma, na verdade, *podia* o ensino de Cristo ter sido difundido no mundo inteiro a não ser por meio da tradição oral? Nosso Senhor nunca mandou os seus Apóstolos escreverem o quer que fôsse, mandou-lhes irem pelo mundo e ensinarer tôdas as nações (Mt 28, 19). A que saibamos, muitos dos Apóstolos não escreveram coisa alguma. A única fonte da verdade revela da conhecida dos primeiros cristãos é aquela descrita nos At 2, 42: “E êles continuavam firmemente na doutrina e na companhia dos Apóstolos, e na fração do pão, e nas orações”. Naquele tempo nem uma simples linha do Novo Testamento tinha sido escrita. A “doutrina dos Apóstolos” só era conhecida dos cristãos pela tradição oral. Eles não podiam “comprová-la e justificá-la” pela Escritura.

Mas, sem dúvida, você pode dizer que naquele tempo os Apóstolos ainda estavam vivos. Teria sido comparativamente fácil averiguar junto a êles qual era a verdadeira doutrina de Cristo.

Entretanto, depois que eles morreram, os cristãos precisavam de algum meio de saber o que era que representava a autêntica doutrina apostólica.

Isto é verdade. Mas não há na Escritura ou na tradição autêntica nenhum sussurro que nos diga que esse meio devia ser o uso das Escrituras como fonte completa de toda verdade cristã e de toda prática requerida. De fato, esse não podia ter sido o meio em qualquer caso. Muitos anos decorreram após a morte dos Apóstolos até que os escritos do Novo Testamento fossem coligidos pela Igreja, certificados como autênticos, e tornados aproveitáveis a qualquer cristão numa forma mais ou menos conveniente. E que deviam os cristãos fazer nesse ínterim? Deviam ficar em incerteza sobre as doutrinas da salvação?

Os Concílios da Igreja

De forma alguma! Eles tinham o meio verdadeiro, autêntico, de saber qual era de fato o ensino que viera desde os Apóstolos. Tinham o meio tornado conhecido pelos próprios Apóstolos, o ensino preservado e professado pela "Igreja do Deus vivo, a coluna e fundamento da verdade". Quando surgia uma disputa entre os cristãos, era decidida da mesma forma como foi decidida a lista dos livros das Escrituras, isto é, em Concílios da Igreja, os quais, sob a guia do Espírito Santo (como no Concílio de Jerusalém, At 15), definiam qual era e qual não era a autêntica tradição apos-

tólica. Esta é a única regra de fé conhecida para o Novo Testamento, e a única regra de fé conhecida na história cristã até algumas centenas de anos atrás, quando parte da cristandade rejeitou a autoridade da Igreja e portanto tinha de substituí-la por alguma espécie de base objetiva para determinar doutrinas. Eles tomaram como base a Escritura; mas, sem um intérprete autorizado, a Escritura não era melhor, como regra de fé, do que as opiniões daqueles que a interpretavam. E o triste estado de divisão tão aparente entre eles agora, com as suas centenas de seitas, é uma positiva negação daquela "unidade do Espírito no vínculo da paz" em que a Escritura insiste, "um só corpo, e um só Espírito... um só Senhor, uma só fé, um só batismo" (Ef 4, 3-5).

Fonte de Verdade

Em contraste com isso, eu quero aderir firmemente à fonte da verdade revelada conhecida desde os tempos apostólicos, a qual possui no ensino da Igreja Católica, da Igreja do Deus vivo. E' desfazendo-se dessa regra de fé apostólica que o autor do nosso artigo não tem mais nenhum meio certo de saber qual é a verdade divinamente revelada. Tem a Bíblia, diz ele. Como assinalei, ele não tem razão de presumir que a Bíblia contém toda a verdade. Mas, concedendo que ela contém grande porção desta, — por que autoridade determina ele o sentido das doutrinas mais essenciais

ensinadas pela Escritura? E isto me traz ao meu último ponto.

O autor se queixa, a respeito do ensino da Igreja, de que "cada geração sucessiva tenha aditado novas doutrinas ao simples ensino dos Evangelhos".

Será que a existência de, literalmente, centenas de seitas, cada uma das quais proclama tomar a Bíblia, e só a Bíblia, como a sua regra de fé, cada uma das quais diverge da outra sobre alguns pontos essenciais da doutrina cristã — será que isto não sugere que talvez o ensino dos Evangelhos não seja assim tão simples como à primeira vista poderia parecer? Quando um homem fala do ensino evangélico como sendo "simples", quer dizer que a sua interpretação do Evangelho é, para ele, inteiramente óbvia. Mas pode não ser igualmente óbvia para qualquer outro.

Tome-se uma das "mais simples" asserções evangélicas: "Isto é meu corpo" (Mt 26, 26, etc.). Ora, eu não sei que interpretação o nosso autor dá a este versículo, mas sei que, historicamente, há várias possibilidades de interpretá-lo. O que sei é que esse é um dos versículos mais debatidos da Bíblia.

Que diferença!

A Igreja Católica diz que esse versículo quer dizer exatamente aquilo que ele diz — isto é, que aquilo que antes era pão, agora, por força das palavras e do poder de Cristo, é o corpo de Cristo. Conserva apenas as aparências de pão.

Martinho Lutero disse que esse versículo quer dizer que, enquanto o pão fica sendo pão, também em sentido real se torna o Corpo de Cristo. Ele rejeitou como blasfema a opinião dos que negavam a presença real de Cristo sob as espécies de pão.

Outros não-católicos dizem, entretanto, que o versículo significa simplesmente que o pão representa o corpo de Cristo, mas não o é realmente. E estas são apenas algumas das muitas interpretações que têm sido oferecidas para esse "simples ensinamento dos Evangelhos".

Ora, quem está certo? Sem dúvida, isto é importante; não se trata de uma questão de ociosa curiosidade.

Lutero e todos os que vieram após ele só podiam oferecer, para as suas interpretações, os seus próprios juízos privados. Para esses juízos talvez parecessem óbvios. Mas será que isto os torna verdadeiros? Podem ser igualmente verdadeiras umas opiniões que se contradizem sobre o mesmo texto?

A questão, ó Paulo, é esta: *toda interpretação da Bíblia é um acréscimo à Bíblia*, no sentido de que a Bíblia precisa de algo — como realmente precisa — para tornar evidente o seu ensino. A questão está, portanto, em saber o aditamento de quem é que deve ser seguido. O aditamento de quem é que está de acordo com a Escritura — quer dizer, é uma explicação verdadeira do sentido da Escritura, —

e o aditamento de quem é que está contra a Escritura.

Não vejo por que razão devo aderir à interpretação de qualquer homem que francamente admite que essa interpretação depende apenas do seu próprio juízo, de alguém que rejeita como desnecessário qualquer recurso à velha tradição ou à autoridade docente de uma Igreja. Nem sou tão orgulhoso que pense que o meu próprio juízo, por melhor que me pareça, é necessariamente um juízo bom e verídico.

Para mim, uma das páginas mais chocantes da história foi a de ser Miguel Serveto queimado na fogueira por ordem de João Calvino. Não fico chocado simplesmente pelo fato de haver sido Serveto queimado vivo por he-

fico chocado é por haver Calvino classificado Serveto como herege, e tê-lo mandado queimar, simplesmente porque Serveto rejeitava a interpretação dada por ele, Calvino, à Bíblia. Calvino pensava que Serveto tinha acrescentado alguma coisa ao simples ensino do Evangelho, e Serveto pensava que Calvino tinha... mas Calvino tinha as achas de lenha e o fogo.

Um único Papa

Na Igreja Católica nós temos um único Papa. O princípio do juízo privado como intérprete das Escrituras torna cada pessoa um papa para si mesmo — e, em sobejos casos, um papa para outros igualmente.

Além disto, nós não cremos que o Papa, simplesmente como indivíduo privado, possa tomar a Bíblia e arbitrariamente — tanto como irresponsavelmente — decidir o sentido dela para nós. Cremos que ele será guiado pelo Espírito Santo como chefe da Igreja, mas somente como chefe da Igreja. Por isto, em relação à interpretação da Igreja sobre o texto supracitado, chegou-se a ela não pela ação de qualquer homem, mas pelas solenes assembleias da Igreja universal, procurando-se a interpretação tradicional que verdadeiramente partiu dos tempos apostólicos, do tempo de Cristo, e foi aceita pela maioria dos cristãos sempre, em toda parte, e por todos.

Se alguma vez houve qualquer ensino pernicioso aditado à simples mensagem evangélica, foi



resia. Enquanto, felizmente, nós não fazemos isso hoje em dia, isso era tido como concedido pelos homens daquele tempo. Mas

justamente essa doutrina da "iluminação" divina privada, que necessariamente surgiu com a questão da Bíblia como única regra da fé cristã. Não há vestígio, desde o Gênese até o Apocalipse, de qualquer idéia dêsse gênero, isto é, que o cristão individual seja guiado pelo Espírito Santo para chegar ao sentido certo das Escrituras. Melhor prova não é preciso para isto do que observar a estranha babel de línguas que se levanta através do nosso mundo cristão tristemente dividido, e que, praticamente, subverte quase cada linha na Escritura. Se o Espírito Santo guiasse cada um desses cristãos sinceros, seria o Espírito não de unidade, mas de discórdia, não de verdade, mas de falsidade.

«Estou convosco»

A Escritura declara que a Igreja receberá a guia do Espírito. Foi aos Apóstolos, aos chefes da Igreja, que Nosso Senhor disse: "Quando êle, o Espírito de verdade, vier, guiar-vos-á em toda verdade" (Jo 16, 13). Foi à Igreja que Nosso Senhor também disse: "Eis que estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos" (Mt 28, 20). Foi à Igreja que S. Paulo chamou "a coluna e fundamento da verdade". E, pelo contrário, no tocante ao juízo privado, em 2 Pedro, 3, 16, é dito, a respeito das Escrituras, que nelas "há algumas coisas difíceis de ser entendidas, as quais os ignorantes e versáteis deturpam, como fazem também com as

outras escrituras, para sua própria perdição".

«Senso comum»

Em conclusão, ó Paulo, deixe-me citar as palavras de um grande homem, cujo livro *The Development of Christian Doctrine* (O Desenvolvimento da Doutrina Cristã) foi por êle escrito no tempo mesmo em que êle estava argumentando consigo em favor da Igreja Católica. Essas palavras de John Henry Newman parecem-me resumir o meu pensamento:

"O senso comum da humanidade a custo suporta uma conclusão que assim nos é imposta por considerações analógicas. Ele sente que a própria idéia de revelação implica um informante e guia presente, e, êsse mesmo, infalível; não uma mera declaração abstracta de Verdades antes desconhecidas ao homem, ou um registro de história, ou o resultado de uma pesquisa antiquária, porém uma mensagem e uma lição falando a êste homem e àquele. Isto é mostrado pela noção popular que tem prevalecido entre nós desde a Reforma, de que a própria Bíblia é êsse guia, e que resultou em alijar a supremacia da Igreja e do Papa, pela própria razão de ser ela uma autoridade rival, não apenas resistindo-lhe, mas suplantando-a. Na proporção, pois, em que, de fato, verificamos que o Volume inspirado não é adaptado ou destinado a subverter essa finalidade, somos forçados a reverter àquele Guia vivo e presente que, na era

da nossa rejeição dêle, por tanto tempo fôra reconhhecido como o dispensador da Escritura, de acôrdo com os tempos e as circunstâncias, e o árbitro de tôdas as doutrinas verdadeiras e santa prática para os filhos dela. Sentimos uma necessidade, e, de tôdas as coisas debaixo do céu, só ela proveu a essa necessidade. E'-nos dito que Deus falou. Onde? Num livro? Experimentamo-lo e êle desaponta; desaponta-nos, êsse santíssimo e abençoado dom, não por culpa própria, mas por ser usado para um fim para o qual não nos foi dado. A respos-

ta do etíope, quando Filipe lhe perguntou se entendia o que estava lendo, é a voz da natureza: "Como posso entendê-lo, se alguém não me guiar?" A Igreja assume êste officio; faz o que ninguém mais pode fazer, e êste é o segredo do seu poder".

Está vendo, ó Paulo, o que foi que eu ganhei na Igreja? Contra a certeza e a verdade da posição dela eu vejo oposta sòmente confusão, um estado de mente que prefere juízo individual a verdade objetiva, e um estado de mente que eventualmente é muito arrogante na sua ignorância.

"POSSO EU ACHAR VERDADEIRA LIBERDADE RELIGIOSA NA IGREJA CATÓLICA?"

Caro Henrique: Tenho diante de mim a sua carta em que você se condói da minha perda, como você o diz, "das bênçãos da liberdade fora da Igreja Católica", e na qual você fala das "tradicionalistas doutrinas não-católicas de liberdade de religião e da separação entre a Igreja e o Estado".



Ora, Henrique, sem qualquer intenção de ser ofensivo, e somente por haver você mesmo avançado essa conclusão, devo dizer que, o que você exprimiu, absolutamente não é verdade histórica. E' simplesmente lenda e folclore, lugar-comum que tem sido repetido tantas vezes por tanta gente, que é uma afirmação largamente crida, mas, sem embargo, inteiramente fictícia.

Não é só você, por certo, que participa desses falsos conceitos. E' freqüentíssimo alguém me dizer: "Leia a história, e então verá qual religião é certa". Justamente, entretanto, o que essas pessoas querem significar por "história" geralmente está muito longe da coisa real. Elas querem significar aquilo que *elas* pensam ser história — sendo muita coisa dela os contos unilaterais de propa-

gandistas pagos ou dedicados que construíram, no mundo grandemente não-católico de fala inglesa, a grande massa daquilo que eu penso dever ser chamado a lenda e o folclore não-católico, que para muita gente substituiu a história.

Examinemos a sua afirmação à luz da história.

Vejamos se o que você diz representa história verdadeira ou lenda. Você fala de "doutrinas tradicionais de liberdade de religião e da separação entre a Igreja e o Estado". Muito bem, mas onde é que estas foram tradicionais fora da Igreja Católica? Que é que diz a história?

Antes de tudo, pode você citar-me *uma só palavra* em favor da *geral* tolerância religiosa, palavra essa provinda de *qualquer* um dos primeiros Reformadores? Penso que não pode. E, mesmo que o pudesse, as ações dos homens em questão desmentir-lhes-iam as palavras. Lutero não favoreceu a liberdade religiosa, exceto para si mesmo. Nenhum Concílio Geral da Igreja condenou heresias com o mesmo vigor com que Lutero condenou os que a ele se opu-

nham. Manteve contrôlo religioso pela proteção dos príncipes germânicos, de cujos Estados a sua religião se tornou a Igreja oficial. Iniciou a união dos Estados Germânicos com a sua Igreja, união que só em tempos relativamente recentes deixou de existir.

Acaso João Calvino acreditou na separação entre a Igreja e o Estado e na liberdade religiosa? Ele não deu lá muito bom exemplo de assim fazer. A sua cidade de Genebra, da qual êle foi o ditador religioso e civil, foi provavelmente a coisa mais próxima, que jamais tenha existido, de uma completa fusão entre Igreja e Estado. Ele aprisionou e queimou na fogueira os que discordavam das suas crenças religiosas.

Você acha a mesmíssima coisa onde quer que olhe na primitiva história dos chamados "Reformadores" — Holanda, Escandinávia, Inglaterra e o resto. Em todos os casos você achará que os Reformadores, onde quer que eram bastante fortes para o fazerem, perseguiam os seus opositores, não só católicos, mas também cristãos outros e judeus. Em todos os casos em que a Reforma era vitoriosa, acabava por se estabelecer como Igreja do Estado do país individual em questão.

O que diz a História

Sei que o seu conhecimento sobre as guerras religiosas inclui a matança do dia de S. Bartolomeu, a Inquisição espanhola e

"Maria Sanguinolenta". Mas você não tem ouvido outro tanto sobre a história de Cromwell na Irlanda, sobre a matança de Drogheda e outras histórias. Muita coisa na nossa literatura histórica na língua inglesa, como eu disse antes, foi preparada por propagandistas para a tradição Reformista — simplesmente porque os Reformadores se tornaram vitoriosos na Inglaterra, e os vencedores é que escrevem a história.

Não nego que alguns católicos houvessem perseguido os que se lhes opunham. Eles tinham para sua desculpa estarem procurando preservar uma fé antiga contra aquilo que êles consideravam uma heresia. Mas os Reformadores, ao que me parece, tinham uma desculpa muito mais pobre para as suas perseguições, quando procuravam impor uma nova religião ao povo, que não estava disposto a recebê-la. A Rainha Isabel matou mais católicos num ano do seu reinado do que os não-católicos de "Maria Sanguinolenta" executaram durante toda a sua vida.

Tolerância

Olhe à volta de si hoje. Na Irlanda, que é o país mais católico do mundo, não há religião de Estado. A Irlanda teve, em certo tempo, uma religião de Estado — a religião dos Reformadores estabelecida mediante lei por um poder estrangeiro, contra a vontade do povo irlandês. Quando a Irlanda se tornou politicamente livre, os seus cida-

ções católicas restauraram, não tiraram, a liberdade religiosa. Na Itália, onde achamos o centro da Igreja Católica, a liberdade religiosa é concedida sem reserva às seitas protestantes e a outras religiões, conforme elas mesmas atestam. Verdade é que alguns países católicos restringem os direitos dos cidadãos não-católicos. Mas assim fazem outros países que restringem os direitos dos cidadãos católicos — e com muito menos justificativa. Em qualquer país católico onde a Igreja Católica recebe privilégios especiais em detrimento de outras, você pelo menos achará que a Igreja Católica é ali a religião da imensa maioria do povo. Se algumas pessoas são tratadas injustamente, é sempre questão de uma pequeníssima minoria.

Mas, por outro lado, em certos países você achará igrejas não-católicas estabelecidas como Igreja de Estado simplesmente como relíquia de uma tradição morta. Na Inglaterra é uma comunidade da Reforma que é subvencionada, e cujos ministros são pagos pelo governo, tendo ela todos os privilégios legais com exclusão das outras religiões. Na Holanda, é outra comunidade da Reforma que goza desses privilégios — embora na Holanda, que é 40% católica, só um punhadinho de gente pertença à Igreja do Estado. Nos países escandinavos, ainda outra seita não-católica é a religião oficial. Esses não são estranhos frutos de uma "doutrina tradicional não-ca-

tólica da separação entre a Igreja e o Estado"?

Anticatólico

Experimentemos a sua teoria à luz da história dos Estados Unidos da América. A história das treze colônias originais é uma história longa e interessante — demos uma vista d'olhos a elas conforme elas existiram na época da Revolução Americana. O "princípio tradicional não-católico da liberdade religiosa" não esteve ali notavelmente presente. Massachusetts, lar dos Pais Peregrinos, tinha uma lei que dispunha que qualquer padre católico apanhado dentro dos limites dela devia ser banido. E fosse apanhado segunda vez, devia ser executado. *Cada colônia de per si* tinha leis contra religião católica, restringindo, perseguindo-a, estorvando-a. É verdade que Pennsylvania concedeu aos católicos liberdade de culto — a Igreja predominante era ali formada de gente boa, tolerante — porém mesmo ali havia leis excluindo os católicos de vários direitos civis.

O fato é que, com tudo o que se diz sobre a liberdade do Novo Mundo, e com todas as lendas contadas sobre os colonos que vinham para as nossas plagas por questão de consciência, o fato é que as colônias americanas simplesmente importaram do estrangeiro para aqui as leis anticatólicas prevalentes, as quais eram reforçadas por qualquer grupo que sucedesse estar no controle das várias colônias. Pelo menos

em um caso, o de Maryland, as leis anticatólicas americanas foram muito mais estritas do que no estrangeiro, — tão mais estritas, que a rainha Ana, que não era amiga da Igreja Católica, teve de ordenar aos Marylandenses suspenderem algumas das suas restrições contra os católicos.

Maryland constitui um belíssimo exemplo para mostrar o absurdo da “doutrina tradicional”. Maryland começou a sua carreira como um refúgio para os católicos perseguidos da Inglaterra. Todavia, assim não permaneceu muito tempo. Desde que a absoluta liberdade religiosa foi concedida em Maryland nos seus dias católicos — note este fato! — os Reformadores de vários tipos que não eram tão bem recebidos em outras colônias não-católicas afluíram a Maryland, e, por isto, logo desde o começo, foram numericamente superiores aos católicos. Veio o dia em que um grupo não-católico teve o controle da colônia, e então não se pagou a antiga hospitalidade dos católicos senão invocando contra eles as mais estritas leis anticatólicas que existiam em qualquer parte na América!

Particularmente em matéria de educação praticou-se o mais severo tipo de discriminação. Os católicos eram proibidos de abrir escolas próprias. Por isso, tinham de mandar seus filhos às escolas existentes. Mas, para admissão a estas, tinha de ser cumprida alguma espécie de condição impossível para um católico — p. ex., rejeição da autoridade do Papa, ou o repúdio de alguma doutrina

católica tal como a Missa. Os poucos católicos que tinham dinheiro mandavam seus filhos à Europa para estudo. O resto ou fazia secretamente o que podia, ou via seus filhos crescerem sem educação.

Isso era liberdade?

E' a isso que você chama “tradicional liberdade religiosa”? Em toda colônia americana, salvo um par, alguma Igreja não-católica era oficialmente estabelecida como religião de Estado. Será que isto sugere uma “tradicional política de separação entre a Igreja e o Estado”? E eu poderia acrescentar que foi um *Congresso Continental Americano* que em 1774 enviou um protesto à Inglaterra por haver aquele país concedido, no Canadá, liberdade re-



ligiosa aos católicos — que, no final das contas, eram ali a imensa maioria religiosa. Incidentalmente, foi esse protesto que con-

tribuiu grandemente para fazer com que o Canadá não se movesse para se juntar à revolução americana que começou dois anos depois, embora os americanos muito trabalhassem para lhe obter o apoio. Havia no Canadá uma tradição de tolerância religiosa, e os católicos ali bem poderiam ter preferido tratar com o governo anticatólico da Inglaterra, a tratar com muitos governos anticatólicos coloniais.

De onde foi que veio o atual sistema Americano? Certamente não foi de tradições como essas. Realmente, êle foi um processo lento que finalmente culminou nos ideais de liberdade religiosa. Você pode ficar surpreso ao saber que só em 1883 a última inhabilidade civil contra os católicos foi oficialmente retirada dos códigos na América. E ainda mais tarde a última igreja não-católica foi oficialmente destituída de religião de um dos Estados.

O sistema americano é fruto da boa-vontade de toda espécie de americanos — protestantes, católicos e judeus — que foram soldados juntos, numa causa comum, durante a revolução e depois. Embora os católicos pudessem facilmente ter preferido ser leais à Coroa Britânica a ter que lidar com o espírito grandemente anticatólico das suas próprias colônias, na realidade êles se puseram quase universalmente ao lado da revolução. Por outro lado, alguns dos anticatólicos mais notórios, e entre êles Benedito Arnold, estiveram proeminente-

mente do outro lado. Este fato certamente serviu para quebrar o preconceito.

Patriotas católicos

Houve também o fato de países católicos, tais como a França, virem em auxílio dos colonos na sua revolução, enquanto que conhecidos patriotas católicos, tais como o general Lafayette e Kosciusko, prestavam inapreciável assistência à causa dêles. Por certo era prudente que os não-católicos americanos evitassem ofender êsses aliados católicos, que achariam estranho se os católicos devessem ser considerados cidadãos de segunda classe da nova República.

E houve também — seja dito para crédito dos não-católicos americanos — um reconhecimento de princípio na matéria. George Washington pôs fim às tradicionais celebrações anticatólicas no exército colonial. Reconheceu que os católicos estavam contribuindo com toda a sua quota para a formação do novo país e, conseqüentemente, deveriam receber tratamento igual, com seus direitos de consciência protegidos de coerção e de insulto. Do mesmo modo, a esmagadora maioria não-católica dos Estados Unidos gradualmente chegou à mesma percepção. O processo de liberdade religiosa e da supressão das incapacidades civis contra os católicos já estava muito adiantado pelo fim da revolução, e dentro em alguns anos o princípio foi oficialmente reconhecido na Lei

dos Direitos da Constituição Federal.

Mas quero acentuar que isto foi feito pelos americanos — e não por qualquer grupo religioso. Também houve católicos que assinaram a Declaração de Independência e a Constituição. Foi um caso de americanos garantindo liberdade religiosa à sua terra como *Americanos*. Nenhum princípio tradicional da Reforma foi aí envolvido. Como vimos, as tradições da Reforma eram todas contra isso. Prova-o a história das nações européias sujeitas à Reforma.

Históricamente, não há coisa tal como um "princípio tradicional da separação entre a Igreja e o Estado, ou de liberdade religiosa". A Reforma, nos seus princípios, não trouxe liberdade religiosa ao mundo. Nem sequer a procurou. Não tinha tal intenção. Não procurou promovê-la. A única liberdade que ela procurou foi para si mesma; não a deu aos outros. Não pretendeu nem procurou derrubar a instituição da união entre a Igreja e o Estado — salvo onde tal instituição lhe embaraçava a existência. Onde tal coisa se tornou possível, ela se uniu com o Estado contra as outras religiões.

A pura verdade

Ora, sei que muito do que disse lhe chegou como surpresa. Não pretendi suscitar animosidade. Fui obrigado a focalizar estes assuntos simplesmente para registrar os fatos. Simplesmente quis que ficasse entendido não se dever espe-

rar que os católicos americanos baixem a cabeça envergonhados quando se leia nos jornais que algum missionário anticatólico foi mal recebido num país ou noutro. Estes são assuntos sobre os quais nós não temos controle. Pode ser que em tais casos os não-católicos sejam ali injustamente tratados, e que os católicos estejam em falta. Lamentamos tal fato, se verdadeiro. Mas não somos responsáveis por ele. Deverão os não-católicos americanos ser censurados por causa do injusto tratamento que os católicos recebem em alguns países não-católicos? Que acharia você de ser forçado a obter permissão do sacerdote católico local para poder casar-se? Pois, inversamente, era o que os católicos tinham de fazer, na Suécia, até há bem poucos anos — obter a permissão do pastor não-católico local.

Pura hipocrisia

Sei que o que você escreveu foi de boa fé. Há, todavia, outro tipo desse espantinho sobre a intolerância católica com o qual absolutamente não tenho paciência, porque este não vem de ignorância, mas sim de hipocrisia. Sempre que se fala sobre alguma pretensa discriminação num país católico — geralmente no caso da Espanha — imediatamente há uma onda de comícios e de declarações voluntárias à imprensa, usualmente com a sugestão de que a mesmíssima coisa teria lugar na América se ali os católicos se tornassem, um dia, bastante fortes para consegui-lo.

A mesma coisa *não* teria lugar. Não há razão para supô-lo. Os bispos naquele país repetidas vezes têm oficialmente declarado que o sistema americano de liberdade religiosa e de separação entre a Igreja e o Estado é tão caro aos católicos como aos não-católicos e aos judeus.

Por que haveria tal coisa de ter lugar? Não teve lugar na Irlanda — onde a liberdade religiosa só se tornou realidade quando a nativa maioria católica reconquistou o contrôlo do seu país. Não teve lugar na católica Bélgica — que outorgou liberdade de consciência aos seus cidadãos antes de haver qualquer país da Reforma Européia cogitado de o fazer. Os católicos americanos são tão responsáveis pelo sistema americano como o são os outros americanos, e estão igualmente determinados a vê-lo permanecer.

Denegação de direitos

Olhe à volta de si — olhe para o seu próprio país — e vejamos que realidade achamos, mesmo sob as nossas leis de liberdade religiosa. Eu disse que há muita hipocrisia na questão da liberdade religiosa — olhemos para os fatos. Pode você citar, na história da nação americana, alguma organização de católicos, secreta ou de outra espécie, que alguma vez se tenha congregado para aterrorizar outro grupo religioso, ou para o privar dos seus direitos? Mas, do outro lado, você pode citar quantidade delas, desde o Partido "Know Nothing" e o A. P. A. do século passado, até a

Ku Klux Klan do atual. Estas eram tôdas organizações de americanos livres, brancos, não-católicos, gentios, que incidentemente também eram fanáticos fascistas conspirando juntos para privar seus concidadãos das suas garantias constitucionais.

Você sabe e eu sei que em muitas partes densamente não-católicas dos Estados Unidos é difícil dizer onde finda o govêrno civil e onde a Igreja não-católica local começa. Em tais lugares é simplesmente tido como pressuposto que um católico não tem oportunidade de ser escolhido para qualquer função, receber qualquer nomeação — tal como um emprêgo nas escolas públicas, por exemplo — ou obter qualquer posição proeminente em negócios. Tudo isto, certamente, é feito por "Gentlemen's Agreements" (Acôrdos entre homens de bem), e não por lei, mas isto em nada torna essa política menos efetiva ou mais justa.

Um exemplo muito ilustrativo dessa hipocrisia foi tornado claro alguns anos atrás quando a organização dos chamados "Protestantes e Outros Americanos Unidos" — fundada para impedir os eclesiásticos católicos de se intrometerem em política — projetou ter como um dos seus membros executivos uma igreja oficial que ao mesmo tempo ocupava uma função política eletiva. Evidentemente a idéia não era que seja errado misturar religião com política, mas que isso só é errado para os católicos.

Ora, eu sei que todos esses abusos que mencionei são repudiados por muitos dos nossos amigos não-católicos. Os hipócritas são poucos. Mas é para você, amigo não-católico, que eu apelo. Antes de se deixar tão facilmente levar pelos propagandistas profissionais não-católicos, reflita sobre as condições que existem em sua própria casa. Antes de censurar os católicos pelo que outros católicos possam fazer, os quais estão milhares de milhas longe, e sobre os quais não temos controle, dê uma olhada ao que alguns do nosso próprio povo fazem em casa, nos nossos próprios bastidores.

Tudo o que procurei fazer nesta carta foi registrar os fatos. Deixo o resto a você. Eu não me intrometo na liberdade reli-

giosa de nenhum dos nossos cidadãos não-católicos. Espero que eles também não se intrometam na minha. Não tenho consciência de ter perdido qualquer liberdade fazendo-me membro da Igreja de Deus, pois a Igreja é "a coluna e fundamento da verdade", como S. Paulo disse (1 Tim 3, 15), "e a verdade vos fará livres" (Jo 8, 32).

Não repudiei coisa alguma da minha crença nos princípios da liberdade religiosa. Creio neles por ser Americano. Juntamente com os meus companheiros católicos americanos amo esses princípios e estou disposto a defendê-los até à custa da minha vida. Eles não são princípios somente seus, ou somente nossos, mas pertencem a todos nós.

QUE DIZER ACERCA DO "CONTRÔLE DE PENSAMENTO" RELIGIOSO?



Caro Carlos: A sua carta lembrou-me um anúncio que li recentemente num dos jornais. Era sobre a comemoração do "Dia da Reforma". O anúncio era uma exortação à observância daquilo a que êle chamava "a herança da Reforma", embora aparentemente a idéia que o anunciante tinha desta fôsse um tanto limitada. Êle parecia pensar — ao menos a julgar pelo material que usava — que essa herança era tôda mais propriamente negativa. De qualquer modo, porém, do que era expresso não achei muita coisa de positivo. Para êsse homem, "a herança da Reforma" era, essencialmente, o ser ela contra a Igreja Católica.

Não quero dizer, com isto, que você assim pense, nem sua carta me deu essa impressão. O que me fez lembrar o anúncio foi, antes, a semelhança de linguagem que você usou — por exemplo, expressões tais como "totalitarismo espiritual" e "contrôle do pensamento". Lembra-me um conhecido ministro que é muito influente na sua oposição ao Catolicismo, o qual se exprimiu da mesma sorte. Disse que não podia ver di-

ferença entre o totalitarismo de Moscou e o totalitarismo de Roma, e, se tivesse de fazer uma escolha, escolheria o primeiro.

Eu gostaria de me ocupar dêste assunto com você. Ora, voltemos ao anúncio. O autor dêle anota seis "afirmações" da Reforma, como segue: "1) O valor do indivíduo e o seu direito ao juízo privado. 2) A doutrina da justificação pela fé. 3) A suprema autoridade da Escritura. 4) A representação dos leigos. 5) A separação entre a Igreja e o Estado. 6) O acesso direto a Deus".

Recentemente discuti alguns desses pontos com outras pessoas — por exemplo, a doutrina da justificação pela fé, a suprema autoridade da Escritura, e a separação entre a Igreja e o Estado. Penso que o que o anunciante quis dizer por "doutrina da justificação pela fé" era realmente "pela fé somente", o que, por certo, é coisa inteiramente diferente. Os católicos também crêem na doutrina da justificação pela fé, mas não na própria doutrina não-escriturária da justificação pela fé somente. Os católicos também

o nosso juízo será errado, e não tornará certo aquilo que é errado.

Em algumas coisas, pode não importar muito que estejamos certos ou errados. Se eu julgo que uma equipe de futebol ganhará o campeonato mundial, e de fato outra o ganha, isso não fará nenhuma grande diferença na minha vida. Mas em algumas matérias poderia fazer diferença mui vital se eu estivesse errado. A mais importante destas é o meu bem-estar eterno. Se Deus estabeleceu um certo meio pelo qual eu devo obter salvação, é minha obrigação usar o meu juízo e a minha consciência para acertar com esse meio e segui-lo. Se eu usar mal o meu juízo de modo a chegar a conclusões erradas, estarei mal.

O ponto que venho tratando deveria ser óbvio. Certamente há necessidade de autoridade em qualquer campo de esforço humano, como também sem ela não poderia haver ordem e a nada chegaríamos. Há necessidade de autoridade particularmente em coisas como a religião, que não depende de quais sejam os nossos preconceitos e sentimentos peculiares, mas sim da vontade de outro, ou seja, de Deus. As condições e regras da religião não são de feitura nossa, mas sim de Deus. Consequentemente, a verdadeira religião deve ser governada com uma autoridade vinda de Deus.

Nomeado para governar

Ora, ou aqui não estou procurando provar-lhe que a religião católica é a religião verdadeira. Isto é coisa que eu falaria de fazer a qualquer tempo, mas que não é a questão aqui em discussão. A matéria presente é a de autoridade. Uma vez que você aceite o fato de haver uma religião verdadeira, então se segue o princípio de autoridade. Deus não fez a sua vontade conhecida à humanidade e depois nos deixou desamparados, prêsas de qualquer enganador e de qualquer engano próprio na questão de interpretar a sua vontade. Deus olhou a que na sua Igreja haja sempre guias e direções, de modo que o erro seja evitado no importantíssimo negócio da salvação eterna do homem.

A autoridade tem de ser exercida por homens. Para estar seguro, Deus pode fazer especiais revelações pessoais a cada um de nós, se assim entender de fazer, mas não o faz. Isto nós sabemos por experiência. Ele estabeleceu a sua Igreja entre homens, e por homens deve ela ser governada. Por homens é regulada. Esses homens, é verdade, sendo homens, podem errar, e às vezes cometem enganos, embora não fôsse coerente com a Providência de Deus supor que Deus permitisse que a suprema autoridade na Igreja conduzisse esta a erro essencial. Mas, em todo caso, a Igreja deve estar sujeita a autoridade, tal como a sociedade civil está sujeita a autoridade; e, assim como

na sociedade civil você tem que ter leis, assim também as tem que ter na Igreja.

Respeito da autoridade



Podemos ver a existência dessa autoridade mui claramente em palavras tais como estas de S. Paulo aos Tessalonicenses: "Rogamo-vos, irmãos, respeitardes os que trabalham entre vós e *vos presidem* no Senhor e *vos admoestam*" (1 Tess 5, 12). Há aqui claramente uma distinção entre os que governam na Igreja e os que são governados. Essa mesma distinção é mostrada na ação de S. Paulo com respeito à Igreja em Éfeso, quando ele voltava da sua terceira jornada missionária e não pôde dispor de tempo para visitar a cidade de Éfeso. Chamou a si em Mileto os "mais velhos" da Igreja e recomendou-lhes vigiarem o rebanho do qual o Espírito Santo os ha-

via feito guardiães. (Olhe essa passagem inteira em Atos 20, 17-35). Note, também, que as palavras gregas traduzidas como "mais velhos" e "guardiães" na sua Bíblia são a origem das nossas palavras "sacerdotes" e "bispos".

Consequentemente, há esta distinção entre isso a que nós chamamos o "clero" e o "laicato". Os católicos certamente crêem na "representação dos leigos" em tôdas aquelas matérias onde, segundo o plano de Deus, os leigos devem estar representados. Raramente há qualquer ação de certa magnitude empreendida pela Igreja — ou no seu nível mais alto, com o Bispo de Roma, ou no nível diocesano, ou na paróquia mais pequena — na qual os leigos, de uma forma ou de outra, não desempenhem um papel importante. Se você estivesse mais familiarizado com a atividade da Igreja, como um "de dentro", em vez de simplesmente olhá-la de fora, saberia disto. Mas, no governo direto da Igreja, os leigos não intervêm. Eles não são os "mais velhos" e os "guardiães" da Igreja, que exercem os seus ofícios por autoridade divina.

Esta é, portanto, a instituição do chamado "clericalismo", como praticada pela Igreja Católica. É uma instituição que depende da constituição da Igreja conforme estabelecida por Deus, seu fundador. Nós somos tão incapazes de mudá-la como somos incapazes de mudar o próprio plano de salvação ideado por Deus. Quem quer que presuma eliminar as dis-

tinções de autoridade em nome da "democracia" não está seguindo a vontade de Deus, mas a sua. Se você decidir melhorar a constituição divina da Igreja, rapidamente acabará ficando sem a Igreja.

Deve ter leis

E, incidentemente, é por isto que são tão insultuosos para nós êsses folhetos e artigos que comecem dizendo: "Não temos nada contra o povo católico... E' somente contra a hierarquia que nos opomos", e assim por diante. A hierarquia — isto é, o clero que exerce autoridade na Igreja — faz parte da própria essência da Igreja. Sugerir-nos que nós poderíamos ser considerados católicos sem reconhecermos e aprovarmos a autoridade exercida na Igreja pelo clero, é sugerir que deixemos de ser católicos. E' sugerir que nos descartemos da constituição da Igreja conforme determinada por Deus, e façamos uma para nós mesmos.

Se você aceita o princípio de autoridade na Igreja, deve aceitar a necessidade de leis. Nenhuma sociedade pode ser governada sem elas. Até mesmo a sociedade no seu nível mais elementar, a família, tem de ter algumas regras conhecidas, pelas quais é governada. E, em matéria de fato, até mesmo aquelas seitas religiosas que mais altamente proclamam serem sem leis e sem regulamentos certamente as têm. Elas não poderiam manter-se unidas um só dia se as não tivessem. Podem não lhes chamar leis, mas

é isso que elas são. Podem ser mesmo não-escritas, mas são leis do mesmo modo. Se mesmo a mais "liberal" organização que rejeita o princípio de religião autoritária devesse descobrir um só dos seus ministros usando o meu púlpito para ensinar, por exemplo, que o mundo cristão deveria submeter-se à autoridade do Papa de Roma, receio que êsse ministro logo se achasse sem emprego. Há "contrôle de pensamento" para vocês.

O «Index»

Olhemos para essa acusação do "contrôle de pensamento". Uma das coisas contra as quais vocês objetam mais estrênuamente é contra o "Index" de livros proibidos. Aqui, diz você, está um excelente exemplo do controle católico do pensamento, impôsto ao povo pela autoridade da Igreja. Isso é manter os católicos na ignorância dos argumentos que são usados contra o catolicismo, é mantê-los "seguros" por nunca lhes ser permitido ver o outro lado da questão. Muito bem, façamos do Index um símbolo dêste problema, e vejamos o que deve ser dito em favor dêle.

Em primeiro lugar, o Index não é coisa imposta ao "povo" pelos "padres". Padres e povo são conjuntamente obrigados pelo Index. Os livros e publicações que são salientados pelo Index são considerados como constituindo perigo comum para todos os cristãos. Também poderia interessar a você saber que os livros arrolados no Index — os quais, na realidade,

são comparativamente poucos — representam só uma fração da matéria de leitura que a Igreja proíbe. Um livro só é colocado no Index pelo nome quando se considera necessário chamar atenção especial para os perigos que ele oferece.

“Posso ler qualquer coisa”, diz você. Pode mesmo? Moralmente falando, eu certamente não o posso, mesmo se preferir ignorar inteiramente a lei da Igreja. Julga-se você livre de ler matéria obscena, algo que você sabe que inevitavelmente terá um mau efeito sobre a sua mente e sobre os seus pensamentos, algo que você sabe que o levará a cometer pecado? Oh! sem dúvida você é capaz de fazer isso fisicamente. Também o sou eu, nessa matéria. Nenhum vagão negro eclesiástico vai vir puxar a minha casa e me levar aos calabouços da Inquisição. Eu sou fisicamente tão livre como você. Mas tenho a obrigação moral de não ler essa espécie de fezes, e penso que também a tem você. Você tem uma obrigação moral imposta pela sua consciência. Também a tenha eu. E eu também aceito a autoridade da Igreja como parte da direção que a minha consciência procura. Esta é a única diferença entre nós.

Mas você pode dizer que não são só livros obscenos que a Igreja proíbe, senão também livros sobre doutrina opostos ao ensino católico. E diz certo. Pouquíssimos livros são postos no Index oficial por obscenos. Todo católico sabe que essa espécie de material de leitura é proibida, e não há ne-

cessidade de acentuar esse ponto. Como eu disse antes, a Igreja só faz menção de um dado livro quando há necessidade de fazê-lo, e somente quando, sem esse aviso, uma pessoa possa ler esse livro na ignorância do perigo que ele oferece. E são razões doutrinárias que respondem pela maioria dos livros que são individualizados para alistamento no Index.

Arcaicas mentiras

Mas a finalidade, asseguro-lhe, não é resguardar os católicos de verem “o outro lado”. Os teólogos da Igreja têm examinado e reexaminado os ensinamentos da Igreja durante uma porção de séculos, e não há um só dos argumentos “do outro lado” que não tenha sido profundamente ventilado durante o processo. Você ficaria surpreendido se lesse um manual da nossa teologia, vendo como são realmente antigos muitos dos “modernos” argumentos anticatólicos — e há quanto tempo eles foram refutados. A finalidade da Igreja no caso do Index é simplesmente esta: *desincentivar leitura ociosa de material perigoso por parte daqueles que são incapazes de se proteger contra ele.*

A crença influi

O mundo moderno quase geralmente não liga muita importância ao que um homem pensa, enquanto as suas ações revestem o padrão comum. Pode ele crer o que quiser, enquanto não perturbar ninguém mais. Porém, para um cristão crente, tal atitude é

totalmente errada. E' muito importante o que um homem crê e o que pensa. Só os que dão pouco valor à verdade é que negarão isto. Como um homem crê, assim decidirá o seu destino eterno. Portanto, aquilo que tende a corromper a fé cristã de um homem é justamente tão mortal como aquilo que tende a lhe corromper a moral. Um livro que motivasse perder êle a sua alma roubando-lhe a sua fé seria exatamente tão mau quanto um livro que motivasse perder êle a sua alma por levá-lo a cometer assassinio ou adultério.

Os eruditos discutem

Ora, a Igreja reconhece que há argumentos contra a fé que podem ser feitos soar como lógicos e parecer mui convincentes para a média dos leitores. A Igreja sabe que os argumentos têm força — se o contrário fôsse verdade, os homens que põem livros no Index fechariam a loja e abriam algures uma livraria ateuista. Os argumentos contra a fé podem ser e efetivamente são manejados por homens treinados em controvérsia. Você pode ler a discussão inteira em qualquer livro de apologética católica. Mas isto não quer dizer que *cada pessoa* seja igualmente capaz de manejar esses argumentos. O leitor comum, não preparado, pode achá-los inteiramente convincentes simplesmente por não lhes saber as respostas. Destarte êles seriam um perigo para a sua fé. Não importa se há umas mil belas respostas para um sutil argumento,

se o homem que aqui e agora está lendo êsse argumento não sabe uma só dessas respostas. Por esta razão a Igreja põe tais livros no Index.

E' por crermos que a verdade é alguma coisa real e objetiva, e não dependente simplesmente daquilo que um dado indivíduo pensa, é por isto que nós assumimos essa posição. Os livros que acham seu lugar no Index não são simplesmente invectivas anticatólicas. São também livros escritos por católicos, livros que a autoridade da Igreja decidiu que constituem um perigo para a fé ou no que dizem ou no que deixaram de dizer. A Igreja põe todos êsses livros na lista proibida exatamente pela mesma razão por que é proibido difundir literatura sediciosa em tempo de guerra, e pela mesma razão por que você vigia o material de leitura de seus filhos e mantém afastados dêles certos livros. O govêrno não procura resguardar os cidadãos de considerarem o "outro lado" quando se está em guerra, mas quer evitar quaisquer atos desastrosos de traição que poderiam ocorrer se alguém devesse ser transviado por propaganda. Do mesmo modo, você procura proteger seus filhos de influências que são capazes de prejudicá-los irreparavelmente.

Leitura perigosa

Ora, note que eu acentuei *ser* a finalidade do Index desincutir leitura desnecessária, ociosa, de material perigoso. Se há uma razão legítima para tal lei-

tura, então a coisa muda. Nenhum obstáculo é pôsto no caminho daqueles cujos estudos ou cuja ocupação os induzem a um contacto necessário com tais livros. Para os que são capazes de ler tais livros sem dano, prontamente é dada permissão de os lerem.

Sem embargo, fica sendo fato que a média dos leitores pode sofrer dano irreparável por causa de uma leitura incontrolada. A Igreja não procura suprimir pensamentos "perigosos" por temer alguma perda de prestígio ou de poder. Procura preservar o povo de modos de pensar que podem conduzi-lo à ruína espiritual. Por certo, há alguns indivíduos que acham um deleite juvenil em professar aquilo que consideram ser pensamentos "perigosos". Isso é privilégio dêles. Geralmente, os pensamentos dêles, se são pensamentos, não são tão perigosos quanto néscios. Mas, em todo caso, aqueles de nós que damos valor à verdade como uma realidade, e que reconhecemos que um homem pode pensar tanto para perdição como para salvação, aqueles de nós que somos cristãos e que reconhecemos a autoridade de Deus na sua Igreja, apreciamos e agradecemos a guia e direção que, nessas e em similares matérias, a Igreja proporciona.

Deixe-me tomar um exemplo semelhante. A Igreja decreta que a Sagrada Escritura só deve ser publicada provida de notas de rodapé para explicar as passagens difíceis. Por outro lado, há Sociedades Bíblicas não-católicas que

fazem seu principal ponto de ufanía do fato de serem as suas Bíblias distribuídas "sem nota ou comentário". Ora, certamente há um problema de ordem prática contra o fato de poder qualquer sociedade dessa natureza anotar uma Bíblia de modo tal que satisfaça as mil e uma crenças divergentes daqueles que elas servem. Mas tome a coisa como matéria de princípio. A interpretação ou má interpretação da Bíblia é responsável pela existência de perto de trezentas seitas diferentes só na América, as quais tôdas pretendem basear-se positivamente na Bíblia, embora tôdas elas contradigam umas às outras n' ponto ou noutro. Podem tôdas elas estar certas? Pode-se considerar ideal uma tal situação? Pode alguém que tem respeito pela verdade pensar que não importa o que tôda essa gente crê?

Bíblia difícil

A Bíblia é uma tradução de uma biblioteca de literatura oriental escrita durante um período de mais de mil anos, representando todos os estilos literários concebíveis, usando idiomas que só são dominados, se o são, ao cabo de anos de estudo, dando matices de significado que desafiam uma análise perfeita mesmo por parte dos mais eruditos. Tome o livro do Eclesiastes, por exemplo. Ele foi escrito, pelo fim da era do Antigo Testamento, por um piedoso judeu que se inquietou com os desvios que a filosofia popular helenista estava fazendo na ortodoxia do seu povo. Para com-

preendê-lo convenientemente precisa-se de um claro conhecimento das idéias populares daquele tempo, conforme descritas nas obras de homens tais como Marco Aurélio. Haverá algo particularmente sensato ou digno de louvor em pôr êsse livro, "sem nota ou comentário", nas mãos de alguma pobre alma que não sabe a diferença entre helenismo e inferno, e depois esperar que ela o compreenda convenientemente? O que é verdadeiro para o Eclesiastes é igualmente verdadeiro para o resto da Bíblia. E' por causa da sua própria importância e santidade que a Bíblia deve ser tratada com mais respeito. A Bíblia foi dada para instrução espiritual, e não para que o homem, na sua ignorância, a deturpe para sua própria perdição (2 Ped 3, 16).

Eu acho a conduta da Igreja Católica nesta matéria sensata e sadia, justamente aquilo que se esperaria fôsse o método de ação de uma Comunidade que professa ser a verdadeira religião de Cristo e a custódia e guardiã da sua verdade. A outra política é irresponsável e irracional, sem respeito real pela verdade que a Bíblia contém, e certamente sem qualquer interesse pelo possível destino daqueles que inevitavelmente lhe interpretarão mal e lhe deturparão o sentido.

E' da essência da nossa religião que você nos ache unidos sob autoridade, como procurei torná-lo claro. Há um velho princípio católico expresso há muito tempo por um dos nossos maiores escritores, Santo Agostinho, que disse: "In liberis libertas, in essentia unitas, in omnibus charitas". Traduzimo-lo assim: "Em coisas não essenciais, divirjamos; nas essenciais, sejamos um só; em todas, sejamos caridosos". Em jornais e centros de pensamento católicos você achará todos os matices de opinião concebíveis expressos sobre economia, política, teologia, e, de fato, sobre qualquer ramo do saber humano. Mas achará unidade, sob autoridade, quanto à essência da revelação cristã transmitida uma vez por todas aos santos (Judas, 3).

Se isto é "contrôle de pensamento", é autocontrôle do pensamento. Nós reconhecemos livremente a guia da autoridade da Igreja, porque cremos que ela é verdadeira. Os nossos pensamentos não devem controlar-nos, mas nós é que devemos controlá-los, para que êles nos levem à verdade e não vagueiem através do erro. Êste é o escopo do pensamento, a verdade. Por preferir a verdade ao erro, alegro-me de que os meus pensamentos não estejam fora de todo controle.

"Pode um católico ir diretamente a Deus?"

Caro Carlos: Esta é a segunda das cartas que lhe prometi, e também a última. Nela vou apreciar a dificuldade final que você propôs no tocante à atitude católica para com a salvação. Você endossou a proposição de que deveria haver "acesso direto a Deus", o qual você sente que tem fora da Igreja Católica, e pensa não poder encontrar na Igreja.

Essa expressão "acesso direto a Deus" soa belamente, soa como algo que denota independência, individualidade — justamente a coisa que convém, num homem, ao senso da sua dignidade pessoal e do seu valor aos olhos de Deus. E, nessa medida, é ela uma idéia verdadeiramente cristã, e uma idéia que eu endosso. Nessa medida, sei que na Igreja tenho acesso direto a Deus, e que isto não me é denegado pela Igreja, e, de fato, a Igreja não poderia denegar-mo.

Mas — como sucede com qualquer idéia nobre — é essa uma afirmação que pode ser funestamente mal usada. Você diz, por exemplo: "Por que gastar o seu tempo tratando com "intermediários celestiais" (padres) que dis-



tribuem a graça de Cristo a você através de sacramentos? Por que se atormentar com confessar os seus pecados a um homem, quando só Deus pode perdô-los? Reze a Deus diretamente, e não por intermédio de santos e através das Missas oferecidas pelos seus padres". Se essa é a sua conclusão

do princípio de "acesso direto a Deus", então você não percebe o verdadeiro sentido dêsse princípio.

Acesso a Deus, que é o privilégio dado a nós por meio da nossa redenção em Cristo, é um *privilégio*; não é nosso por direito. Conformemente a isso, o modo pelo qual nós exercemos êsse privilégio não depende de invenção nossa, mas de Deus. Não é questão de gostarmos ou não gostarmos, mas sim daquilo que Deus quer. Eu não posso dispensar-me dos sacerdotes de Deus, precisamente por *serem* êles sacerdotes de Deus, e não meus. Não fui eu quem estabeleceu os sete Sacramentos; foi Cristo. Eu confesso os meus pecados a Deus *através* de homens porque êsse é o modo como Deus quer que eu os confesse a êle. Não excogitei êsse

meio de salvação como o mais agradável a mim e portanto como um meio que eu escolheria adotar. Descobri que êsse é o plano de Deus, e portanto acomodei-me ao beneplácito de Deus na matéria.

Que coisa é “acesso direto a Deus” no verdadeiro sentido? Como eu disse, é um privilégio dado a nós por Deus. E’ um privilégio que vem a nós através de Cristo. Daí se segue que êle é um privilégio que deve ser exercido segundo a regra de Cristo. Dando-nos êsse privilégio, Deus teòricamente poderia ter-no-lo dado de mil modos, mas o fato é que no-lo deu de um modo só. E êsse modo é através de Cristo, o único Mediador da nossa salvação, como afirma a Escritura (1 Tim 2, 5) e como a Igreja Católica o ensina.

Ora, antes que você salte sôbre a minha última afirmação e re-dargua: “Mas você tem muitos outros mediadores entre você e Deus, além de Cristo”, acentuemos que Cristo é o nosso Mediador. Temos de ver justamente qual é o verdadeiro significado de manter “acesso direto a Deus”. “Mediador” quer dizer “intermediário”, que junta dois extremos enquanto fica entre os dois. Neste caso, Deus e nós somos os dois extremos, e Cristo, o Homem-Deus, nos ligou — nós somos unidos a Deus por meio de Cristo, e portanto Cristo fica entre nós sempre para mediar por nós.

O modo de Deus

Sei que você crê isso tanto quanto eu. Mas, crendo, você vê que já modificou algum tanto a sua afirmação sôbre “acesso direto a Deus”. O seu acesso a Deus é, num sentido, direto, porque é seguro, certo e possível em todos os tempos; mas, noutro sentido, não é direto. E’ um acesso que vem através de Cristo, e, portanto, através de um “intermediário”. E’ simplesmente um fato que o acesso a Deus é impossível de qualquer outro modo. Quem quer que rejeitasse Cristo e pretendesse ir diretamente a Deus sem a intervenção de Cristo não seria cristão. A sua afirmação de “acesso direto” seria uma jactância ôca, e, pior do que isto, seria uma rejeição absoluta do acesso a Deus. Seria rejeitar o acesso a Deus da única maneira pela qual Deus decretou que êle seria possível.

Nosso único Mediador

De modo, dirá você, que o seu acesso a Deus é modificado pelo fato de ser Cristo o meu Mediador; mas êle é o único Mediador. E isto é verdade. Cristo é o nosso único Mediador entre Deus e o homem... mas há muitos mediadores entre nós e Cristo. Há muitos mediadores entre nós e Cristo porque Cristo decretou que os houvesse.

Tomemos o único exemplo que você mencionou, o da confissão dos pecados. Ora, eu sei que soa muito bravo e independente dizer: “Eu confesso os meus pecados a meu Deus, e não a qual-

quer homem". Mas que direito tem você de dizer isto? Que é que isso significa? A única coisa que pode significar algo é poder dizer: "Eu confesso meus pecados pelo modo como Deus me disse que os confessasse". E, se Deus me disse que eu me confessasse a ele *através* de um homem, é isto o que eu tenho a fazer. E' só através da mediação de Cristo que o perdão de Deus nos é concedido. Mas, se Cristo estabeleceu como condição para esse perdão que nós tratássemos com ele através de um dos nossos semelhantes, então esse é o meio que tem de ser. Não é uma questão daquilo que nós preferimos; é uma questão daquilo que tem de ser.

Se alguma pessoa importante me concedesse uma entrevista — um "acesso" a si — e, indo à casa dela, eu descobrisse que, antes de ser admitido à sua presença, eu tinha de expor o meu negócio ao seu secretário, isto não seria a única coisa que eu poderia fazer a fim de obter a minha entrevista? Se eu esbravejasse contra a mediação do secretário, altivamente declarando que trataria do meu negócio com o homem lá dentro, sem a mediação de qualquer outro, até onde pensa você que eu chegaria? Estaria no caso de agradar à pessoa que eu tinha vindo procurar? Penso que não; perderia o direito à minha entrevista simplesmente por haver rejeitado as condições sob as quais ela fôra concedida.

Sacrifícios

Da mesma sorte, temos um ótimo exemplo na história bíblica. Ao povo do Antigo Testamento era mandado oferecer sacrifícios a Deus de muitas formas, e sob condições específicas. Quando essas condições não estavam presentes, Deus não lhes recebia as ofertas. Escute as palavras que Deus disse através do profeta Amós. Amós foi enviado pelo Senhor para condenar o povo por adorá-lo de maneira ilegal, como também por violar a sua lei de muitas outras formas. "Odeio, desprezo as vossas festas", disse ele ao povo. "E não me deleito nas vossas solenes assembléias. Mesmo se me oferecerdes os vossos holocaustos e ofertas de cereais, não os aceitarei, e as ofertas de paz dos vossos animais cedados não olharei para elas. Retirai de mim o barulho dos vossos cantos; não escutarei a melodia das vossas harpas" (Amós 5, 21-23).

Esses sacrifícios que o Senhor rejeitou eram oferecidos a Ele, e não a algum outro. Mas eram oferecidos por aqueles que estavam "aparando as arestas", pretendendo que podiam oferecer os seus sacrifícios pela forma que escolhiam, ignorando as claras condições que Deus estabelecera. E por isso Deus lhes rejeitava a adoração.

Quem é que perdoa?

Tudo isto redundava no fato certo de que ninguém tem "acesso direto" a Deus simplesmente por dizê-lo. Acesso a Deus não existe

a não ser que Deus diga que assim se faça. E êle só existe como Deus decidiu que existisse. Esse acesso será exatamente tão direto quanto Deus quiser que êle o seja, nem mais nem menos. E, uma vez que êle vem a nós através de Cristo Jesus, as decisões de Cristo na matéria são da maior importância. São essenciais.

Assim também com o assunto de confessar pecados. "Quem pode perdoar pecados senão somente Deus?", perguntaram os inimigos de Cristo quando êle ordenou que um paralítico ficasse livre do pecado (Lc 5, 20-21). Os Escribas e Fariseus acreditavam num verdadeiro acesso direto a Deus. Cristo operou um milagre para provar que podia perdoar o pecado, assim mostrando àqueles homens que era errônea toda a idéia que eles faziam do perdão de Deus.

O mesmo se dá com os nossos sacerdotes. "Quem pode perdoar pecados senão somente Deus?", perguntam-lhes. Os que formulam a pergunta têm uma idéia confusa do que é o perdão de Deus. E' um perdão que vem por intermédio de Cristo, em primeiro lugar. E' também um perdão que Cristo concede como lhe apraz. E êle escolheu concedê-lo por intermédio dos seus ministros, por intermédio daqueles que são os intermediários" entre Ele e o seu povo.

"A quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados e a quem os retiverdes ser-lhes-ão retidos" (Jo 20, 25). Estas são as palavras de Nosso Senhor aos seus

Apóstolos. Isso é resposta bastante para os que repetem as palavras dos Escribas e dos Fariseus, perguntando: "Quem pode perdoar pecados senão somente Deus?" A resposta é simples: pode perdoar pecados quem recebeu de Cristo poder para isso. E nessa passagem vemos claramente que os Apóstolos receberam esse poder.

Espírito de confissão

Não vou provar-lhe aqui que esse poder ainda existe naqueles que governam a Igreja hoje, tal como existia naqueles que governavam a Igreja quando Nosso Senhor a estabeleceu no comêço. Tudo o que tencionei fazer foi explicar em que espírito nós confessamos os nossos pecados aos nossos sacerdotes. Confessamo-nos a eles porque os reconhecemos como aqueles que receberam de Cristo o poder de perdoar, porque eles foram autorizados a julgar se os pecados devem ser perdoados *ou* *retidos*. Este último ponto é muito importante. Às vezes o sacerdote recusará perdoar algum pecado, por julgar que a pessoa não está realmente pesarosa de o haver cometido. Este pode ser o meio de despertar essa pessoa para uma compreensão do seu perigoso estado. Reconhecendo o sacerdote como agente de Cristo, a pessoa reconhecerá que o julgamento do sacerdote é apoiado pelas palavras de Cristo: "A quem *retiverdes* os pecados *ser-lhes-ão retidos*". Este é um meio de auxílio espiritual que falta inteiramente à pessoa que põe o seu julgamen-

o só em si mesma, promove uma conversação a seu modo com Deus, na qual professa pesar pelos seus pecados, e depois vai-se embora dizendo: "Estou perloada".



Em suma, confessando os nossos pecados aos nossos sacerdotes, nós não perdemos o acesso direto

Deus. Cumprimos as condições e perdão que Nosso Senhor estabeleceu. Sem isto, absolutamente não haverá perdão. Se rejeitarmos essas condições, nem por isto nosso acesso se torna mais direto; apenas deixa de existir.

Exatamente o mesmo princípio age com os outros exemplos da nossa "aproximação indireta a Deus" que você tanto deplora. Nós não rezamos a Maria e aos santos em vez de rezarmos a Deus. Nós apenas pedimos que eles se untem a nós em rogar a Deus, em rogar por nós. Você me pediu rezar por você de vez em quando. Eu lhe pedi rezar por mim.

Acaso você pensou estar perdendo acesso a Deus quando me pediu que eu me juntasse a você na prece, de preferência a rezar você sozinho? Pois isto é tudo o que eu faço quando peço a um dos santos — um daqueles que ficou provado serem dos melhores amigos de Deus — lembrar-me diante do trono celeste. Os santos, afinal de contas, são aquilo a que a Escritura chama a "nuvem de testemunhas" que nos circunda (Heb 12, 1); não são um substitutivo para Cristo, mas podem interceder por nós junto a Cristo tal como eu posso interceder por você junto a Ele.

Sei que você não aceita a Igreja Católica como sendo a Igreja de Cristo. O que eu lhe peço fazer é simplesmente colocar-se na posição daqueles que o aceitam. Quando aceitamos isto, aceitamos os Sacramentos; aceitamos o fato de ser através de outros homens — seus agentes, — designados por Cristo, que a sua graça deve ser distribuída. Sabemos que este foi o modo pelo qual ele decretou que tivéssemos acesso a Deus. Se você concorda comigo nesta matéria, neste momento isto não é tão importante como que você me compreenda. Se você vê por que razão eu creio nos Sacramentos, no sacerdócio, nas ministrações da Igreja, então reconhecerá que não há substituição de coisa alguma em lugar de Deus, mas simplesmente o cumprimento das condições de Deus.

E, na medida em que a questão lhe interessar, penso que você deverá investigar mais plenamente

as pretensões que a Igreja formula e prova para se estabelecer como o verdadeiro Corpo de Cristo, como o organismo que êle estabeleceu para continuar e perpetuar a sua obra redentora no mundo. Porquanto, se, pela sua falta de conhecimento, você rejeita essa Igreja Verdadeira, rejeita igualmente os meios de salvação que Cristo morreu para nos possibilitar.

O que você rejeita



Em tôdas as discussões que tenho com você e com outros em passado recente, uma coisa tornou-se cada vez mais evidente para mim. Sou assim constantemente solicitado por você e por outros amigos meus não-católicos: "Abandone a Igreja, saia dela, e, em vez disso, venha para as nossas fileiras".

Inclino-me a responder: "Muito bem; que é que vocês têm para me oferecer em lugar daquilo que

eu tenho?" E as respostas têm sido altamente insatisfatórias.

Nesta matéria de "acesso a Deus", vocês me oferecem trato "direto" com nosso Salvador em lugar daquilo que vocês erroneamente pensam ser substitutivos para êle. Mas eu sei que só na Igreja eu tenho a possibilidade de acesso a Deus em primeiro lugar. Daí dever estar de acôrdo com o ensino da Igreja, que é de Cristo, que eu ganho a presença de Deus. Tire-me disto, e eu não tenho nada. Em vez disso, oferecem-me uma segurança puramente humana que não resulta em nada. Ir a Deus "diretamente" não significa que se chegará a Deus. Isto depende de Deus. Por isto eu não gosto do que me oferecem neste caso.

Simple lógica

Dizem-me que na Igreja eu estou sujeito a "contrôle de pensamento". E instam comigo para que saia dela, para que entre na liberdade fora dela. Mas o que me oferecem é apenas falta de controle, falta que existe por não haver princípio certo para guiála, falta que parece preferir estar errado a estar certo. Eu sei que o pensamento foi dado para uso, e não para abuso, e que a sua finalidade é levar-me à verdade. Respeito todo aquêle que é bastante lógico para saber que, aceitando a verdade, também deve rejeitar o êrro. Não posso compreender ninguém que pense que o êrro vale tanto como a verdade. Particularmente não posso aceitar isto em vista da importância da

salvação, onde estar certo é o fim para o qual fui criado, e estar errado significa ter vivido em vão a minha vida. "Conhecereis a verdade, e a verdade vos fará livres" (Jo 8, 32). Erro é escravidão. Prefiro a liberdade da verdade, e orgulho-me da minha Igreja que mostra interesse pela verdade e age em conformidade com isso, e não pelo modo irresponsável daqueles para quem a verdade não tem importância. Portanto, não gosto do que me oferecem como substitutivo neste caso.

Pobre escolha

Exortam-me a sair da Igreja, onde, dizem, não posso estar certo da minha salvação, e ingressar numa que me promete que estou salvo, suceda o que suceder. Rejeito êsse oferecimento como pior do que de inspiração humana — como de inspiração diabólica. Os que fazem êsse oferecimento estão, sem o saberem, fazendo a obra de Satanás, que dêsse modo procura levar-nos a fazer para nós mesmos um meio de salvação diverso daquele que Cristo nos trouxe. Acho que devo refugiar-me nas coisas que *são* certas — nas promessas de Deus, nos avisos da Escritura, — de que devo operar a minha salvação com temor e tremor. Não posso aceitar um pretenso caminho de salvação que me diz que eu serei salvo fazendo justamente aquilo que a Escritura diz que eu não faça: a saber, simplesmente crer, e persuadir-me de que não preciso fazer nada mais. Na Igreja eu te-

nho uma certeza de salvação que é perfeita da parte de Cristo, e que requer apenas que eu faça a *minha* parte. Fora dela, oferecem-me uma alegada certeza que não se funda absolutamente em nada. Portanto, não gosto do que me oferecem neste caso.

Advertem-me de que eu saia do aprisco da Igreja, de que rejeito o ensino dela, e de que a substitua pelo meu próprio juízo no tocante às palavras de um Livro sagrado que — assegura-me êsse próprio Livro — contém passagens difíceis e que muitos interpretam mal para sua própria perdição. Pedem que eu rejeite a guia da fé que foi possuída por todos os cristãos até tempos comparativamente recentes, e que ainda é aceita pela maioria dos cristãos no mundo inteiro — a Igreja, que é a coluna e fundamento da verdade, a guardiã, divinamente nomeada, do ensino de Cristo. Dizem-me que rejeite a autoridade do Papa, e, em vez disso, me faça de papa para mim mesmo; que siga um ou outro dos milhares de "papas" que chefiam as várias igrejas "livres", que, todas, pretendem basear-se positivamente na Bíblia, embora se contradigam umas às outras e me ofereçam interpretações largamente divergentes da mesma Bíblia.

Pedem-me desertar aquilo que é a crença de muitos cristãos no mundo de hoje, e que foi a crença de todos os cristãos nos primeiros 1.500 anos da história cristã, e substitui-la pelas conclusões de

um indivíduo — eu mesmo ou, usualmente, aquêlê que está ins-tando comigo para que mude. Não creio que Cristo ocultasse sua ver-dade dessa maneira, para que ela só pudesse ser achada no século dezesseis ou dezessete. Não gos-to, portanto, daquilo que me ofe-recem neste caso.

«A quem iremos?»

E, portanto, Carlos, sou trazido a esta única coisa que se me tornou cada vez mais evidente nestes poucos meses passados. Pe-dem-me que me afaste do caminho há perto de 2.000 anos prescrito por Cristo para a minha salvação, e adote, em vez dêle, outro ca-minho prescrito por homens uns

1.500 anos depois. Sei que o ofe-recimento é feito com espírito o melhor possível, por gente sin-cera, que pensa possuir o que é melhor. Mas, em todo caso, des-cubro que qualquer coisa boa que êles possuam eu a tenho igual-mente na Igreja, e tenho-a na sua forma pura e completa, enquan-to que êles só lhe têm os resíduos.

Sou levado, por isso, a terminar esta correspondência com as pa-lavras do grande Apóstolo quando também lhe foi apresentada a pos-sibilidade de se afastar da socie-dade de Cristo para procurar alhures a sua salvação:

“Senhor, a quem iremos? Ten-des as palavras de vida eterna” (Jo 6, 68).



“Eu fui prevenido sôbre a Igreja Católica”

Conteúdo:

- “Então você me pede que eu deixe a Igreja Católica”.
- Por que tanta hostilidade contra a Igreja Católica?
- E assim você foi salvo!
- Pode a verdadeira mensagem do Evangelho ser achada na Igreja Católica?
- “Posso eu achar verdadeira liberdade religiosa na Igreja Católica?”
- Que dizer acêrca do “Contrôle de Pensamento” religioso?
- Pode um católico ir diretamente a Deus?”

Este caderno foi preparado pelos Cavaleiros de Colombo e traduzido para o português com a devida autorização.

Cum approbatione ecclesiastica